



Campus Universitário de Almada  
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Maria Joaquim Bonacho Antunes - nº: 43375

**O tempo de estudo autónomo como forma de promoção dos valores em  
crianças no 1º ciclo do Ensino Básico - Um estudo de caso**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

**Mestrado em Educação - Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico**

Almada, 2023



Campus Universitário de Almada  
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Maria Joaquim Bonacho Antunes

### **Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**

Apresentado com vista à obtenção de grau de Mestre  
em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do  
Ensino Básico (2.º Ciclo de Estudos), ao abrigo do  
Despacho n.º 1105/2010 (Diário da República, 2.ª série  
– n.º 10 - 15 de janeiro de 2010).

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico  
Discente: Maria Joaquim Bonacho Antunes



O acesso à educação é também um direito de todas as crianças, especificando-se que essa educação tem como base uma igualdade de oportunidades. (Convenção dos Direitos da Criança, 1989, art.º 28 e 29).

## Dedicatória

Ao meu anjo Zé que está no céu a zelar por mim.

Foste o meu maior incentivo, a minha  
força e a minha vida: tudo por ti, tudo para ti.

## **Agradecimentos**

É com muito orgulho que consegui chegar à última etapa de um projeto que se iniciou há anos. Foram tantos os obstáculos que tive de ultrapassar para ao chegar até aqui que ainda parece um sonho. Evidentemente, isso só aconteceu porque tive o apoio de pessoas fantásticas que sempre me incentivaram a não desistir.

Aos meus orientadores de estágio: Professora Ana Bahia, à professora Dídia Lourenço pelas orientações metodológicas, disponibilidade, apoio, paciência, e sobretudo a partilha de experiência e saberes.

À Dra. Clementina Nogueira pelo apoio prestado.

Às minhas orientadoras cooperantes: educadora Cláudia Ministro e à professora Joana Portela pelas sugestões e críticas que me fizeram evoluir enquanto estagiária.

Aos olhares, sorrisos, gestos, lágrimas e abraços sinceros das crianças, pois foram elas que me ensinaram a crescer e a ter a certeza daquilo que escolhi. Foi com elas que, todos os dias, me senti concretizada e realizada.

Um carinhoso e caloroso agradecimento aos meus filhos que nunca reclamaram por não estar presente principalmente ao jantar.

Um obrigado ao meu anjo que está no céu a zelar por mim. A tua força de vencer é a minha força para continuar, apesar de ser muito tortuoso viver, serás sempre o meu exemplo de vida. Obrigada por seres meu filho e por me ensinares tanto, mas tanto!

À minha mãe pela sua enorme ajuda e aconselhamento nos melhores e piores momentos e à minha querida irmã pela disponibilidade de ouvir os meus lamentos.

Por último, a duas amigas que foram relevantes para a elaboração deste trabalho.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos!

Maria Joaquim Bonacho Antunes

## **Resumo**

O presente relatório surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, articulado com a Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada em Pré-Escolar e também no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os estágios foram desenvolvidos numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) quer o do Pré-escolar, quer o do 1º ciclo do Ensino Básico.

A nossa investigação decorreu mais especificamente numa turma do 1.º ano de escolaridade do Ensino Básico, numa turma com vinte e nove crianças, sendo onze do sexo feminino e dezoito do sexo masculino. Este modelo privilegia o desenvolvimento da autonomia dos alunos para que estes sejam capazes de resolver problemas, dar opiniões críticas, refletir e ter um papel interventivo na sua aprendizagem. Neste modelo Pedagógico, o desenvolvimento das competências de autonomia, alicerçadas aos valores, fazem parte das rotinas diárias do grupo nomeadamente nos momentos dedicados ao Tempo de Estudo Autónomo (TEA).).

Desta forma, este relatório teve como principal objetivo compreender de que modo o tempo de estudo autónomo (TEA) pode contribuir para o desenvolvimento dos valores em crianças de primeiro ciclo.

A presente investigação foi desenvolvida segundo a metodologia qualitativa, sendo um estudo de caso, uma vez que quisemos analisar uma realidade singular, sem generalizações para outros contextos. Da pesquisa fazem parte técnicas de recolha de dados que deram suporte à investigação, como as entrevistas; registos no diário de bordo e observação direta e participante.

Neste contexto, para dar resposta à questão de partida, dividimo-la em cinco objetivos que serviram de suporte ao nosso trabalho.

Deste estudo surgiram um conjunto de considerações que podemos analisar para verificarmos que o tempo de estudo autónomo contribui para a promoção dos valores em crianças no 1º ciclo do ensino básico.

Palavras-chave - Educação, MEM, trabalho autónomo e valores.

## **Abstract**

This report is part of the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education, articulated with the Curricular Unit of Practice of Supervised Teaching in the 1st Cycle of Basic Education.

The internship was carried out in a Private Institution of Social Solidarity (IPSS), more specifically in a class of the 1st year of Basic Education, in a class with twenty-nine children, eleven females and eighteen males. The institution is governed by the Pedagogical Model of the Modern School Movement. This is aimed at promoting and motivating the students' autonomy so that they are able to solve their problems, give their opinion, reflect and intervene in their learning where the development of autonomy competence, and the values that are present in the daily routine of the group, more specifically during Autonomous Study Time (TEA).

In this way, this report had as main objective to understand how the time of independent study (TEA) can contribute to the development of values in children of the first cycle.

The present investigation was developed according to the qualitative methodology, being a case study, since we wanted to analyze a singular reality, without generalizations to other contexts. The research includes data collection techniques that supported the investigation, such as interviews; records in the logbook and direct and participant observation.

In this context, to answer the starting question, we divided it into five objectives that supported our work.

From this study emerged a set of conditions that we can analyze to verify that the time of independent study as a way to promote values in children in the 1st cycle of basic education.

Keywords - Education, MEM, autonomous work and values.

## Índice

<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>1 - Prática Profissional em contexto de Ensino Pré-Escolar e 1º. Ciclo do Ensino Básico</b> .....	<b>4</b>
1.1. Caracterização da instituição.....	4
1.2. Pressupostos da prática de ensino .....	5
1.3.A Prática de Ensino Supervisionada na Educação Pré-escolar .....	9
1.3.1. Caracterização do Grupo/Turma do Pré-Escolar.....	11
1.3.2. Desenvolvimento da prática profissional .....	13
1.4. A Prática de Ensino Supervisionada no Primeiro ciclo do Ensino Básico ....	14
1.4.1. Caraterização do meio .....	15
1.4.2. Os Princípios Pedagógicos da Instituição .....	17
1.4.3. Características da Sala - Organização do Espaço Educativo .....	18
2.5. Caracterização da Turma do 1º ciclo do Ensino Básico.....	19
2.6. Metodologia de Trabalho da Professora .....	20
2.7. Projeto Educativo da Instituição .....	21
<b>3 - Enquadramento Teórico - Estudo Empírico</b> .....	<b>23</b>
3.1. Fundamentação Teórica: Justificação da Temática e Análise de Conceitos..	23
3.1.1. Conceito de Educação (Educar) .....	23
3.1.2. Conceito de Valores .....	24
3.1.3. Valores Morais .....	24
3.1.4. Consciência Moral.....	25
3.1.5. Educação em Valores .....	26
3.1.6. A Educação para a Cidadania como Forma de Promover os Valores....	29
3.2. A Promoção dos Valores Segundo o Modelo Pedagógico socio moral – Movimento da Escola Moderna .....	30
3.3. Dinâmica Relacional - Criança - Criança/Criança - Adulto/Adulto - Adulto	31
3.4. O Tempo de Estudo Autónomo e os Contributos desta Prática para os Alunos .....	31
3.4.1. Plano individual de trabalho .....	32
3.4.2.O Diário de turma.....	33
<b>4 - Metodologia</b> .....	<b>34</b>
4.1. Objeto de Estudo, Pergunta e Questões de Partida e Objetivos do estudo. ...	34
4.2. Metodologia qualitativa e um Estudo de Caso.....	34

4.3. Técnicas e instrumentos de recolha de dados .....	36
4.3.1. Análise documental .....	36
4.3.2. Observação Direta e Participante .....	37
4.3.3. Diário de Bordo .....	37
4.3.4. Entrevista.....	38
<b>5 – Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados .....</b>	<b>40</b>
5.1. Apresentação dos resultados .....	42
5.1.1. Discurso do aluno D (primeiro aluno).....	42
5.1.2. Discurso do Aluno. A (Segundo aluno) .....	46
5.1.3. Discurso da Coordenadora Pedagógica.....	49
5.2. Análise dos discursos da Coordenadora Pedagógica e dos alunos .....	63
5.3. Análise das notas de campo .....	66
<b>6 - Considerações finais.....</b>	<b>69</b>
<b>7 – Bibliografia.....</b>	<b>72</b>
7.1 Webgrafia.....	75
7.2 Legislação Consultada .....	77

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1 - Discurso do Aluno D.....	42
Tabela 2 - Discurso do Aluno A (Segundo Aluno) .....	46
Tabela 3 - Discurso da Coordenadora Pedagógica.....	49
Tabela 4 - Análise das notas de campo.....	66
Tabela 5 - Síntese reflexiva emergente.....	86

## **Índice de Figuras**

Figura 1 - Características da educação em valores.....	28
Figura 2 - Três princípios básicos do MEM.....	30

## **Índice de Anexos**

Anexos A - Declaração de autorização de depósito no repositório comum.....	78
Anexos B - Licença de distribuição não exclusiva-repositório comum.....	79

## **Índice de Apêndices**

Planificação Semanal.....	80
Planta da Sala .....	80
Exemplos de registos de observações/notas de campo no contexto do 1º ano do 1º ciclo do Ensino Básico relativamente no momento de TEA.....	81
Análise das notas de campo .....	84
Transcrição da Entrevista .....	90
Entrevista aos alunos .....	102
Primeiro aluno.....	102
Segundo aluno.....	105
Guião de entrevista semiestruturada aos alunos do 1º ano do 1º ciclo do Ensino Básico. ....	109
Guião de entrevista semiestruturada à coordenadora pedagógica do 1º ciclo do Ensino Básico. ....	113

## Índice de Siglas

Formação pessoal e social	FPS
Orientações para a Educação Pré-Escolar	OCEPE
Cidadania e Desenvolvimento	CD
Ministério de educação	ME
Aprendizagens Essenciais	AE
Metas Curriculares	MC
Prática de Ensino supervisionada em pré-escolar	PES I
Prática de Ensino supervisionada em 1º ciclo	PES II
Movimento da escola Moderna	MEM
Direção Geral de Educação	DGS
Projeto Educativo	PE
Plano individual de trabalho	PIT
E.E.	Encarregados de Educação

## **Introdução**

A elaboração do presente relatório final surge como forma de obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e do 1º ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada.

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa — espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autónomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida (Delors, 1996, p. 99).

Ao longo dos tempos, o ensino tem sofrido algumas alterações e o professor deixou de ser a figura central no desenvolvimento das aprendizagens, dando, por sua vez, mais voz aos alunos. A escola foi-se tornando construtivista, ou seja, as crianças começaram a estar mais envolvidos no seu próprio processo de aprendizagem, tendo mais espaço para manifestar as suas ideias, opiniões e interesses. Desta forma, o aluno é o centro de toda aprendizagem e este tem que ser tratado como ser único, daí que os professores necessitam de pôr em prática estratégias de diferenciação pedagógica para que todos se sintam incluídos, no sentido da presença, participação e progresso, na sala de aula e na escola.

Esta investigação tem por base a nossa prática de ensino supervisionada PES I e PES II que decorreram na mesma instituição em que vigora o modelo do Movimento da Escola Moderna (MEM). De acordo com os princípios desta metodologia, o poder é partilhado, ou seja, existe uma pedagogia cooperativista; há um entendimento entre o aluno e o professor nas atividades que irão realizar, tendo em conta os conteúdos programáticos centrados nos interesses e saberes das crianças e no contexto cultural das comunidades.

A avaliação assenta numa constante e autoavaliação, no sentido de levar o aluno a refletir sobre o seu processo de aprendizagem para concretizar os objetivos assumidos quer individualmente quer em grupo ou a pares, pondo em evidência os valores humanos que sustentam a justiça, a reciprocidade e a solidariedade.

O MEM propôs-se a construir uma escola que “valoriza o ensino mútuo e cooperativo como estratégia para as aprendizagens e para reforçar o sentido da cooperação no desenvolvimento educativo e social” (Niza, 2012, p. 96).

Sendo assim, promover e motivar os alunos no sentido da autonomia é um dos pilares basilares do MEM, para que estes sejam capazes de resolverem os seus problemas, opinar, refletir e intervir ativamente na sua aprendizagem. Neste sentido, TEA ocorre durante uma hora todos os dias da semana a fim de promover a participação dos alunos de forma a serem promotores das suas próprias aprendizagens.

A escolha do tema deste trabalho incidiu na necessidade de perceber o processo educativo facilitador de aprendizagens, neste caso mais propriamente em TEA, e o seu contributo para a promoção da Educação para Valores, visto que estes são o pilar de toda a vivência humana e, concludentemente, de todo o processo educativo.

É através da prática supervisionada no Pré-Escolar e no 1º ciclo do Ensino Básico que podemos aplicar todos os nossos conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico. Pimenta e Lima (2004) afirmam que “o estágio é o ponto fulcral na formação dos educadores e de todos os profissionais de educação, pois é através dele que percebemos os aspetos indispensáveis para a nossa formação na construção da nossa identidade profissional.” (p. 93)

Parece-me que é desta forma que o professor/ educador pode ir ao encontro das necessidades e interesses das crianças estimulando-as para a descoberta de novos saberes e proporcionando-lhes os meios para facilitar as aprendizagens.

“Para que o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças ocorram da melhor forma, importa que o educador compreenda as características do grupo e que procure adequar o processo educativo às suas necessidades formativas” (Silva *et al.*, 1997, p. 89).

Sendo assim, o estágio da Prática de Ensino Supervisionada foi realizado numa turma de 1º ano do Ensino Básico da Instituição Cooperante, e na presente investigação procurámos perceber quais as necessidades do grupo, no sentido de podermos contribuir para a promoção da Educação para a Cidadania como forma de estimular os valores, levando-os a desenvolver atitudes de tolerância, respeito e solidariedade pelos outros.

Assim sendo, este trabalho teve como objetivo principal perceber o contributo do tempo de estudo autónomo como forma de promover os valores em crianças no 1º ciclo do ensino básico.

A presente investigação foi desenvolvida segundo uma metodologia qualitativa, sendo um estudo de caso. Dela fazem parte procedimentos de recolha de dados que apoiam todo o processo de investigação, nomeadamente, a consulta documental, a observação participante, e a entrevista.

O documento que a seguir se expõe tem como objetivo a apresentação do relatório de investigação. Este é constituído por várias partes, sendo elas as seguintes:

Introdução - tem como principal objetivo apresentar o tema e sua fundamentação, bem como as questões que deram corpo à investigação.

Prática Profissional em contexto de Ensino Pré-Escolar e 1º. Ciclo do Ensino Básico- Caracterização da instituição; pressupostos da prática de ensino

Prática Profissional em contexto de Ensino Pré-escolar - Caracterização do grupo, a organização do espaço e dos materiais;

Prática Profissional em Contexto de 1º ciclo do Ensino Básico - caracterizar a instituição e os seus princípios fundamentais, bem como a sala de aula onde foi realizado o estudo em causa, no que respeita ao grupo, à organização do espaço e dos materiais e à planificação semanal. Por fim, apresenta os princípios orientadores da ação educativa subjacentes à Prática de Ensino Supervisionada e os contributos desta prática para o desenvolvimento profissional da estagiária, bem como as limitações da mesma em relação à investigação realizada.

Enquadramento teórico - pretende sistematizar a revisão da literatura consultada ao longo desta pesquisa, para melhor compreensão do estudo.

Metodologia - apresenta-se a metodologia utilizada, bem como as técnicas de recolha e análise dos dados.

Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados - descreve a interpretação dos dados recolhidos, apoiada e fundamentada pelo referencial teórico, procurando responder ao problema levantado no início deste estudo.

Considerações finais - apresenta as conclusões decorrentes do estudo, a sua implicação e contributo para a prática profissional e eventuais linhas de investigação possíveis sobre o tema.

Referências Bibliográficas - integram toda a literatura consultada.

Por fim apresentam-se os anexos e apêndices.

# **1 - Prática Profissional em contexto de Ensino Pré-Escolar e 1º. Ciclo do Ensino Básico**

## **1.1. Caracterização da instituição**

As práticas profissionais (PES I e PES II) realizaram-se na mesma instituição, daí que nos pareceu pertinente proceder logo à sua caracterização, seguindo posteriormente para a contextualização de cada uma das práticas.

A instituição cooperante é uma Cooperativa de Solidariedade Social, CRL foi constituída no ano de 2005 e obteve o reconhecimento de equiparação a IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social em 2008.

Esta nasceu a partir da vontade de um conjunto de pessoas já dedicadas às questões de educação e formação de crianças, jovens e adultos que fazem parte da equipa da Escola Técnica Profissional da Moita e que aspiram à criação de uma resposta social com valor acrescentado para toda a comunidade maximizando as sinergias existentes no contexto onde a instituição se insere.

A maioria dos profissionais está ligada de forma direta à educação e formação de crianças, jovens e adultos através da Escola Técnica Profissional da Moita. Estas sinergias – criança, família, escola e comunidade - permitem potenciar a nossa missão, proporcionando um ambiente equilibrado e estável, favorável ao crescimento físico, emocional e educativo da criança com recurso a práticas pedagógicas orientadas para o sucesso educativo e para o equilíbrio do desenvolvimento afetivo das mesmas, acompanhando os seus ritmos próprios e necessidades individuais, potenciando uma educação orientada para Aprender a Ser, Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer e Aprender a Viver Juntos.

A oferta educativa inclui a promoção das Atividades de Enriquecimento Curricular em parceria com os Agrupamentos Verticais de Escolas Fragata do Tejo e José Afonso e Escola Técnica Profissional da Moita, do concelho da Moita e com a Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo, as valências Creche, Pré-Escolar e 1º Ciclo e oferta sazonal de colónia/campo de férias. Os critérios que definem a determinação da oferta educativa, prendem-se, naturalmente, com a evolução das necessidades e expectativas do meio envolvente.

Tem como objetivos: Formar cidadãos responsáveis, independentes, críticos, solidários e apaixonados pela descoberta, capazes de dar o seu melhor contributo para um mundo em constante mudança.

## 1.2. Pressupostos da prática de ensino

Ao iniciarmos a Prática de Ensino Supervisionada salientamos que não foi fácil pôr em prática algumas planificações e refletir acerca das mesmas, visto que não tínhamos experiência na metodologia pedagógica utilizada pela instituição.

Sendo assim, tendo por base o percurso formativo anterior e o que aspirávamos para o atual, os objetivos que nos propusemos atingir para esta Prática de Ensino Supervisionada foram:

- Compreender, a metodologia utilizada pela instituição (o Movimento da Escola Moderna), como se aplica em sala, quer no Ensino do Pré-escolar, quer no 1º ciclo do Ensino Básico;
- Compreender como se processa o ensino-aprendizagem no Ensino pré-Escolar no 1º ciclo do Ensino Básico;
- Compreender e apropriarmo-nos do conceito de Tempo de Estudo Autónomo (TEA);
- Perceber de que modo o TEA contribui para desenvolver os valores morais, éticos e sociais;
- Desenvolver mecanismos de trabalho que permitam a interligação entre saberes teóricos e práticos;
- Adotar uma atitude de constante reflexão e posicionamento crítico;
- Aprender a planificar mediante a metodologia pedagógica aplicada.

Os pressupostos de ensino refletem a postura enquanto futura professora/educadora com base em teorias e modelos que se adequam à nossa forma de trabalhar. Estes, permitem que façamos uma reflexão sobre os mesmos, repercutindo-se e refletindo-se em desenvolvimento e evolução contínua das nossas competências pessoais e profissionais.

Espero futuramente poder colocar em prática as aprendizagens que adquiri nestes estágios e trazer inovação pedagógica às rotinas escolares possibilitando às crianças desenvolverem e adquirirem competências através de ações significativas e que de forma integrada permitam o desenvolvimento de atitudes, conhecimentos e valores e que lhes permitam potenciar a criatividade, a reflexão e o sentido crítico e, conseqüentemente, a autonomia, a solidariedade, o trabalho cooperativo e outros valores que são muito importantes para viver em harmonia na sociedade.

Desta maneira, acreditamos que caminhamos cada vez mais para um mundo globalizado, onde tudo e todos estão interligados através da tecnologia. Contudo, esta interligação acaba por, em muitas situações levar ao isolamento e à individualização, o que pode contribuir para indivíduos egocêntricos, fechados em si mesmo e muitas vezes descontentes com o que a vida lhes oferece.

Neste mundo globalizado e em permanente transformação, onde o que é dado como certo hoje, pode ser questionado amanhã, e onde a diversidade de culturas e saberes é cada vez mais visível, percebemos que os valores e costumes também estão a mudar.

O professor/ educador tem um papel fundamental no desenvolvimento das aprendizagens das crianças, tanto no meio escolar como no seu meio envolvente, sendo este, um mediador e facilitador da aquisição de novos conhecimentos, incentivando-as para que façam percursos integrados com vista a alcançar o sucesso.

Não compete ao professor fornecer a resposta certa, mas sim indicar ao aluno onde procurá-la. O Professor guia, o aluno descobre. O Professor cria as situações estimulantes e orienta, o aluno explora a tateia, decompõe e volta a compor o objecto, desestrutura-o e volta a estruturá-lo. (Curry, 2005, p. 78).

É nesta fase que se estruturam algumas regras; o saber estar, o saber fazer, saber escutar, saber comunicar.... A criança aprende a interagir com um mundo social amplo, saindo do ambiente familiar, naturalmente mais protegido e tendo que aprender a viver e a conviver numa comunidade.

O desenvolvimento integral da criança tem características próprias, diferentes dos outros níveis de ensino, pois tudo está pensado para que esta desenvolva as suas capacidades e as amplie. Para que isso ocorra, há que fornecer meios, trabalhar através de métodos e teorias que rentabilizem essas capacidades e forneçam novas competências.

Para estes mesmos fins contribuem os documentos orientadores do Ensino no Pré-Escolar e no 1º ciclo do Ensino Básico que, com base numa perspectiva holística, valorizam a aprendizagem através das experiências, recorrendo à elaboração de projetos e valorizando o desenvolvimento de rotinas promotoras da autonomia dos alunos.

Neste sentido a avaliação deve ser qualitativa e efetuada de uma forma ativa; cada criança tem o seu ritmo, as suas capacidades, por isso o professo/ educador é o orientador que motiva e facilita a criança na exploração de tudo o que a rodeia.

No decurso do percurso académico, quer na licenciatura quer no mestrado, tivemos a oportunidade de observar/participar e refletir sobre as várias práticas

pedagógicas de modo a integrá-las e compreendê-las para que, futuramente, as possamos mobilizar enquanto docentes.

Relativamente às correntes que nos pareceram mais adequadas ao nosso perfil educativo, destacamos as teorias contemporâneas da educação: as teorias Psicognitivas, e as Sociocognitivas e Personalistas que constam da obra de Yves Bertrand (2001).

A teoria psicognitiva, que Piaget preconiza, defende a elaboração de teorias educativas construtivistas; estas pressupõem a existência de campos de interações nos quais o sujeito constrói o seu conhecimento e se desenvolve num processo de autorregulação e de adaptação ao meio. Segundo Bertrand, (2001) “O papel do professor é importante: deve propor e viabilizar um meio didático indispensável a fazer elaborar e funcionar os saberes” (p. 77).

Posto isto, é extremamente importante que o docente disponibilize aos alunos meios para que estes solidifiquem e construam novas aprendizagens de forma autónoma, quer dizer que precisamos que os discentes que sejam ativos e participativos na sua construção de saberes consoante:

Os professores podem guiá-las proporcionando-lhes os materiais apropriados mais o essencial é que, para que uma criança entenda, deve construir ela mesma, deve reinventar. Cada vez que ensinamos algo a uma criança estamos impedindo que ela descubra por si mesma. Por outro lado, aquilo que permitimos que descubra por si mesma, permanecerá com ela. (Piaget, 1989, p. 53).

A teoria sociocognitiva enaltece a dinâmica sociocultura entre os indivíduos e esta contribui para a construção do conhecimento. Segundo Bertand (2001)

Têm o inegável mérito de insistir na dimensão social da aprendizagem. Valorizam um grande número de fatores sociais, como a influência dos outros estudantes ou alunos, das perceções do professor, das perceções pessoais do estudante, da relação com os pais e com a sociedade. (p.26)

A teoria personalista também denominada humanista, libertária, presumem que é o indivíduo em situação de aprendizagem quem deve corrigir a sua educação usando as suas energias, muito embora o educador/professor desempenhe um papel facilitador nas suas relações com os educandos/alunos. sustentada Freud, Rogers e Adler, segundo Bertrand (2001): “o crescimento se encontra no indivíduo, inconsciente, afetividade, desejos, interesses, apoiando-se na noção do eu, de liberdade e da autonomia da pessoa”. (p. 149)

Defendem a construção do conhecimento individualizado, ou seja, a aprendizagem centrada no individuo.

Esta teoria surgiu da necessidade de reagir contra o sistema de ensino centrado no método de transmissão.

A educação surge como uma experiência educativa que se desenvolve com a criatividade do ser humano num progresso contínuo, em que o sujeito vai apreendendo novas atividades educativas que lhe despertam a necessidade de saber mais, e que o vão transformando como indivíduo, cooperando para o seu desenvolvimento pessoal e também afetando o meio em que está inserido.

Também percebemos que o modelo pedagógico mais adequado à nossa prática pedagógica seria o Modelo Curricular da Escola Moderna Portuguesa (MEM). Isto porque visa promover a autonomia baseada na experiência.

Para Spodek & Saracho (1998, p. 34), o modelo curricular pode definir-se de uma forma:

[...] essencialmente lata, que o descreve como uma afirmação formal dos princípios essenciais, valores, processos e práticas que formam a base de tudo o que sucede num determinado contexto educativo, ou seja, do conjunto das experiências organizadas de forma a oferecer oportunidades formais e informais de aprendizagem para as crianças num determinado ambiente educativo. Sendo considerados como seus elementos fundamentais, a intencionalidade expressa na definição deliberada das suas finalidades, a explicitação dos meios necessários à sua concretização e o planeamento das oportunidades e experiências educativas que lhe estão associados.

Para Piaget “o conhecimento não provém nem dos objetos nem da criança, mas das interações existentes entre a criança e os objetos”. Esta vai edificando o seu próprio conhecimento à medida que vai fazendo as suas descobertas e experiências.

Na instituição onde efetuamos as nossas Práticas Pedagógicas o modelo que vigora na instituição é o movimento da escola moderna (MEM).

O Movimento Escola Moderna (MEM) é baseado na pedagogia de Célestin Freinet (1896-1966), pedagogo francês e professor do primeiro ciclo.

Aqui o poder é partilhado, ou seja, existe uma pedagogia cooperativista; há um entendimento entre o aluno e o professor nas atividades que irão realizar, tendo em conta os conteúdos programáticos centrados nos interesses e saberes das crianças e no contexto cultural das comunidades. O aluno é autónomo, o educador assume o papel de facilitador na ultrapassagem das diferentes etapas da aprendizagem. Cada criança tem o seu ritmo e as suas características, que devem ser respeitadas como garantia de sucesso. Todos os alunos participam na aprendizagem coletiva e auxiliam-se mutuamente.

Escola define-se para os docentes do MEM como um espaço de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática. Nela, os educandos deverão criar com os seus educadores as condições materiais, afetivas e sociais para que, em comum, possam organizar um ambiente institucional capaz de ajudar cada um a apropriar-se dos conhecimentos, dos processos e dos valores morais e estéticos gerados pela humanidade no seu percurso histórico-cultural. (Niza, 2007, p. 67)

O primeiro por ser direcionado para a manipulação e exploração de novas experiências e tornar as crianças como aprendizes ativos, enquanto no MEM, a escola para a criança representa um espaço onde pode desenvolver ao máximo a sua personalidade e a sua saúde.

Desta forma, queremos relacionar a teoria com a prática, através do registo de observação do grupo, refletindo sobre os vários modelos, metodologias, estratégias, e a sua importância no desenvolvimento global das crianças.

Sendo assim, baseado neste percurso formativo tivemos como objetivos a necessidade de compreender os processos do ensino-aprendizagem em educação do 1º ciclo; compreender, através da metodologia escolhida pelos orientadores cooperantes, a sua aplicação em sala de aula; ser reflexiva; aprender a planificar; aprofundar áreas de interesse através da investigação-ação; como se planeia, desenvolver e aprofundar os conhecimentos e como funciona a metodologia de trabalho de projeto.

A diversificação dos alunos e todas as suas dimensões enquanto indivíduo-aluno: a filosófica, psicossocial, afetiva, cognitiva educacional e integradora. No campo profissional e pessoal, um indivíduo inovador, criativo, reflexivo, crítico, investigador.

### **1.3.A Prática de Ensino Supervisionada na Educação Pré-escolar**

A educação é um direito que cada um de nós tem, para construir o seu futuro. E desta forma que o professor/ educador estará sempre envolvido nas aprendizagens que o aluno vai adquirindo ao longo da sua vida académica.

Consideramos que é uma enorme responsabilidade porque é como se tivéssemos diamantes em bruto para lapidar e transformá-los em pedras preciosas.

Perante tal responsabilidade muitas vezes interrogo-me:

- Como serei como professora/educadora?

-Será que serei uma boa profissional de educação?

Nestas questões e entre outras que me vêm à memória, reflito muito porque preocupo-me em fazer o melhor para as crianças. Proporcionar-lhe momentos agradáveis e afetuosos, de modo a formar seres capazes de enfrentar as adversidades que lhe possam aparecer no seu caminho.

Estes momentos fortalece-os, aumentam-lhe a autoestima para que cresçam confiantes e se formem seres responsáveis perante si mesmo e os outros.

Educar é ajudar cada um a tirar de dentro de si as energias criadoras que transporta. É ajudar cada um a ter confiança em si mesmo e a aprender a procurar o conhecimento integrando-o na sua pessoa. O ensino deve colaborar na integração dos indivíduos - desenvolvendo as suas potencialidades - na sociedade global de que faz parte e no meio social em que vive e de que participa. (Serralheiro, 1997).

Baseado neste ponto de vista, educação pré-escolar está pensada para crianças dos 3 aos 5 anos de idades, esta é a iniciação preparatória para o ensino básico. É nesta fase que se estabelecem os primeiros contactos com algumas regras; “o saber estar... e o saber fazer”.

Desta forma a criança aprende a interagir com um mundo social mais amplo, saindo do ambiente familiar, naturalmente mais protegido e criando laços afetivos com outras pessoas cuidadoras que lhe serviram de modelo para elas.

Aqui começam a aprender a brincar em grupo e a seguir as regras que lhes são impostas.

Isto não quer dizer que a criança se afaste da família, até porque a família e a escola devem ser parceiros na educação da mesma. A importância da afetividade por parte da família e comunidade escolar é imperativo para o desenvolvimento humano e logo reverterá ao desenvolvimento da aprendizagem.

Pretende-se o desenvolvimento integral da criança e tem características próprias, diferentes dos outros níveis de ensino, pois tudo está pensado para que esta desenvolva as suas capacidades e as amplie. Para que isso ocorra, há que fornecer meios, trabalhar através de métodos e teorias com que o educador mais se identifica para rentabilizar essas capacidades e fornecer novas competências.

As orientações curriculares que daí resultam, valorizam a aprendizagem decorrente do ensino e culminam na elaboração de projetos e rotinas que se desenvolvem ao longo do ano letivo.

Estas são bastante esclarecedoras: “Este período é crítico para o desenvolvimento de aprendizagens fundamentais, bem como para o desenvolvimento de atitudes e valores estruturantes para aprendizagens futuras.” (P.54)

A estas deve-lhe ser inculcado, desde início, o quão importante é o trabalho em grupo, o respeito pelos outros, o reconhecimento da autoridade, o dinamismo, entre

outros. Afigura-se-me que estes valores, embora clássicos, são marcadamente atuais na sociedade em que vivemos.

A avaliação deve ser qualitativa e efetuada de uma forma ativa; cada criança tem o seu ritmo, as suas capacidades, por isso o educador, nesta fase, é o orientador que motiva e facilita a criança na exploração de tudo o que a rodeia. Neste sentido o educador, mais do que dar aulas, é um impulsionador de atividades.

Como futura educadora pretendo ter um papel reflexivo e ativo, para perceber o mundo que nos rodeia e desta forma preparar as crianças para esse mesmo mundo. Terei que saber, escutar, observar, investigar para estar preparada em fazer a diferença e consciencializar as crianças que merecem um mundo melhor e que afetividade será a melhor ferramenta para fomentar as relações humanas.

Nesta prática profissional foi desenvolvido um projeto de intervenção cuja intenção era de promover os valores através da leitura de histórias, pretendeu-se assim que as histórias surgissem como um instrumento impulsionador e potencializador de aprendizagens. Estas foram de encontro aos interesses das crianças em que foi possível a realizações de trabalhos muito interessantes.

### **1.3.1. Caracterização do Grupo/Turma do Pré-Escolar**

O grupo é constituído por 19 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos, sendo 10 do sexo masculino e 9 do sexo feminino.

O grupo tem uma criança que apresenta muitas dificuldades na linguagem e por vezes parece um pouco alheada ao que se está a passar à sua volta. Apesar dos pais estarem atentos à situação, levando a várias consultas de áreas diferentes, não tem um diagnóstico para que possamos perceber o seu comportamento. A sua principal dificuldade está em comunicar e na formação da construção de frases.

Apesar de ser uma criança com dificuldades em expressar-se a inclusão sucedeu sem impacto, para o grupo. É acompanhado pela terapia da fala.

Também têm uma outra, que é diagnosticada com uma perturbação do espectro de autismo, mas é aceite por todas as crianças. Esta criança está a ser acompanhada por uma educadora de intervenção precoce e também pela terapia da fala na escola.

Estas crianças provêm de um meio socioeconómico médio – alto.

De uma maneira geral, relacionam-se bem umas com as outras e respeitam as regras estabelecidas. São autónomas nas rotinas diárias e na utilização dos materiais, partilhando-os. Em certas situações pontuais surgem pequenos conflitos, pois todos

querem o mesmo brinquedo. A nível da expressão oral as crianças não manifestam atraso no desenvolvimento da linguagem, bem como da compreensão.

As crianças são normalmente muito criativas em relação ao desenvolverem um projeto revelando uma enorme vontade de aprender e estão sempre prontas a adquirir novos conhecimentos. As histórias, canções, lengalengas, são sempre ouvidas por elas com muita atenção e entusiasmo. Todas as atividades de Expressão Plástica são encaradas com ânimo e empenho dentro das suas capacidades.

Adoram as atividades de enriquecimento curricular, principalmente o ensino da música.

São crianças de um modo geral, carinhosas, alegres e sempre bem-dispostas.

Para caracterizar a turma/grupo baseei-me em três teorias; o desenvolvimento cognitivo de Piaget, o desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson e a teoria do desenvolvimento psicosexual de Freud.

O desenvolvimento intelectual consiste num processo de construção e reconstrução contínuo.

Sendo assim, para Piaget a aprendizagem dá-se através do equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, resultando em adaptação. Ou seja, a criança adquire novos conceitos e ideias, vai adaptá-los aos existentes e transformá-los em novos pareceres.

A inteligência é uma adaptação. Para apreendermos as suas relações com a vida, em geral, é preciso, pois, definir que relações existem entre o organismo e o meio ambiente. Com efeito, a vida é uma criação contínua de formas cada vez mais complexa e o estabelecimento de equilíbrio progressivo entre essas formas e o meio. (Jean Piaget, 1975, p.15)

As crianças do pré-escolar encontram-se no estágio pré-operatório (2 aos 7 anos). É neste período que o organismo se torna estruturalmente capacitado para o exercício de atividades mais complexas, como o uso da linguagem articulada.

Para Piaget a criança aprende imitando, exercendo uma função simbólica, pois ela vai representar uma coisa por outra, vai desenvolver a sua imaginação ao brincar ao faz-de-conta, vive no mundo da fantasia, e isto pode-se visualizar quando as crianças brincam com os utensílios da cozinha e com bonecos, criando histórias, consoante suas vivências.

A Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erickson centraliza-se no processo de desenvolvimento da identidade do Homem. As crianças deste grupo estão inseridas na 3ª idade: Iniciativa vs. Culpa (3-6 anos), esta fase pode ser comparada à fase fálica freudiana. Segundo (Erickson, 1997: p.64) “as crianças até à idade pré-escolar

podem passar por três estádios de desenvolvimento social e emocional: Confiança versus desconfiança, autonomia versus vergonha e dúvida e iniciativa versus culpa”.

Na teoria de Freud encontram-se na fase Fálica (3 aos 6 anos). A zona erógena é a região genital e que os órgãos sexuais constituem fonte de prazer.

Algumas vezes observamos que as raparigas e os rapazes exploravam o próprio corpo e desenvolviam relacionamentos semelhantes ao dos namorados.

A educadora estava muito atenta a estas situações e quando iam à casa de banho pedia-lhes para eles se vestirem dentro da mesma. E dizia-lhe que ali havia amigos e não namorados.

### **1.3.2. Desenvolvimento da prática profissional**

O projeto realizado no decorrer da Prática Supervisionada em contexto da Educação em Pré-escolar teve como título “Educar com o coração”.

Conforme o nome indica, a intenção era de criar um espaço educativo que possibilitasse o desenvolvimento de valores com as crianças, de uma forma que estas os interiorizassem naturalmente, vivenciando-os sem qualquer tipo de obrigação. Corroborando esta ideia, Fonseca (2011) refere que “os valores são, de facto, a causa, o móbil de toda a educação” (p. 94).

Base do projeto, foi direcionado através da literatura infantil, sendo esta outra uma carência da turma o facto de não terem uma biblioteca recheada de livros dentro da sala para que estes os pudessem explorar.

O grupo quase que “bebiam “histórias e aproveitei esse facto para levar livros que eles não conheciam e conseguir o interesse de toda a turma. A forma como eles absorviam os seus conteúdos, acredito que tiveram um papel importante nas suas aprendizagens. Segundo (Cerveira, 1992, p.22) “quer seja pela contribuição para a formação do seu pensamento, pelos modelos que lhe apresenta ou pelos contributos do tipo intelectual que lhe coloca”

Trabalhamos a interdisciplinaridade de forma a proporcionar atividades variadas e interessantes capazes de estimular as crianças a desenvolverem as suas aprendizagens interligando outras áreas que estão descritas nas OCEPE.

Segundo as (OCEPE, pág. 31) “Ao brincar, as crianças vão-se apropriando de conceitos que lhes permitem dar sentido ao mundo e em que o/a educador/a pode reconhecer o contributo para a aprendizagem de diversos tipos de conhecimento, tais como, a língua, a matemática, as ciências”

A relação adulto-crianças e vice-versa, sempre se baseou na base da cordialidade e respeito mútuo. Cada criança é única, tem o seu ritmo e por isso cabe ao adulto compreendê-la e dar-lhe o tempo necessárias para que esta efetue as suas aprendizagens.

Conseguimos criar laços de amizade tanto com as crianças, assim como com a educadora que até hoje prevalecem.

#### **1.4. A Prática de Ensino Supervisionada no Primeiro ciclo do Ensino Básico**

As práticas pedagógicas supervisionadas no primeiro ciclo foram de extrema relevância, pois estivemo-nos a preparar profissionalmente para exercer futuramente a função de docente.

Como tal, esta caminhada, foi uma longa aprendizagem, mas ajudou-me a compreender como se processa o ensino-aprendizagem; as diversas metodologias e aquelas que vão ao encontro das minhas convicções; a desenvolver uma atitude reflexiva de forma autoavaliar constantemente o meu desempenho e o dos alunos para perceber quais são os pontos fortes e os pontos fracos, de forma a intervir precocemente e preventivamente.

Alonso e Roldão (2005) reúnem um conjunto de capacidades que o estudante, enquanto estagiário, deve adquirir e desenvolver, contribuindo assim para uma prática pedagógica adequada, entre elas:

- a) A capacidade de analisar de forma crítica o contexto, recorrendo à reflexão;
- b) A capacidade de investigar e de registar elementos relacionados com a prática;
- c) Uma atitude de flexibilidade que permite a criação e aplicação de estratégias de forma adequar o (futuro) currículo educativo à intervenção de acordo com o grupo de “alunos”;
- d) A capacidade de colaborar não só com toda a equipa que integra o contexto educativo, mas também com todos os projetos e conteúdos relacionados com a instituição escolar. (p.8)

Como diz Nóvoa (1992), “A possibilidade de “vestir o papel” de futuro professor por um determinado tempo permite experimentar, ensaiar novos modos de trabalho pedagógico e refletir criticamente sobre a sua utilização” (p. 12)

Ser professor é, ser uma pessoa aberta ao mundo, à descoberta, inculcando a curiosidade, e a verdadeira procura de conhecimento. Com um papel de grande responsabilidade ética e moral: porque o professor é o modelo para os seus alunos, porque as crianças reproduzem tudo e todos os seus comportamentos. (atitudes, valores e posturas). Segundo Arends (1995, pg47), “ensinar é uma atividade humana, que não se

esconde atrás de componentes codificadas ou determinadas apenas pelo conhecimento científico”.

Neste trabalho também nos propusemos refletir acerca da importância, enquanto estagiária, de aprender a saber observar, a saber escutar e aprender a recolher informações acerca do grupo para, caso seja necessário, intervir precocemente nas situações que possam ser pertinentes para o bom funcionamento global do grupo, quer nas relações afetivas, quer no ensino aprendizagem. Para Estrela, (1994) “deverá ser a primeira e necessária etapa de intervenção pedagógica fundamentada exigida pela prática quotidiana” (p. 29).

Neste sentido, pretendi que a nossa prática pedagógica fosse ao encontro dos objetivos do presente projeto de investigação, assim como dos princípios e valores definidos pelo Movimento de Escola Moderna: “Métodos, processos, técnicas de ensino, materiais didáticos, que devem estar em coerência com os objetivos, com a opção política, com a utopia, com o sonho de que o projeto pedagógico está impregnado”(Freire, 2001, p. 35).

Na Prática de Ensino Supervisionada foi desenvolvido um Projeto de intervenção Solidário, que consistiu em juntar tampinhas para ajudar uma criança com paralisia cerebral. Este suscitou o interesse dos alunos que colaboraram incansavelmente para que o projeto fosse um sucesso. Além disso, elaboramos vários trabalhos para que o D. pudesse desenvolver a motricidade fina, a leitura e a matemática. Este decorreu desde o 18 de outubro de 2023 até ao último dia do meu estágio.

Teve como intenção: fomentar os valores éticos, sociais e morais. Apostando nesta intencionalidade pretendi sensibilizar os alunos para esta questão que me pareceu muito importante na sua formação, assentando na solidariedade e na ajuda ao próximo. E tudo o que nós aplicarmos como boas práticas de respeito e valorização, estamos a preservar aquilo que temos de mais importante, que é a vida e o bem-estar comum. Corroborando esta ideia, Fonseca (2011) refere que “os valores são, de facto, a causa, o móbil de toda a educação” (p. 94).

#### **1.4.1. Caraterização do meio**

O Concelho da Moita contraria a tendência nacional, apresentando valores favoráveis em 2 pontos percentuais relativamente ao rácio indivíduo em idade ativa por idoso, percentagem de população em idade ativa e taxa de emprego.

Acresce ainda o facto de 87% da população ativa trabalhar por conta de outrem, sendo que, 76% da população se encontra empregada no setor terciário exercendo a sua atividade nos concelhos limítrofes da Área Metropolitana de Lisboa.

No que concerne a evolução da oferta escolar, a rede do Concelho conta (em 2012), para o pré-escolar, com 9 estabelecimentos privados e 14 públicos (25 salas) e com 23 Escolas Básicas com 1º ciclo. Não existe, no Concelho, oferta privada para o ensino básico e cursos secundários científico-humanísticos.

Em suma, o Concelho tem ainda um espaço de melhoria a percorrer, quer na qualidade do serviço educativo prestado pela rede pública quer por via de novas propostas emergentes do setor privado/particular e cooperativo.

Considerando as características favoráveis do Concelho em termos da evolução qualitativa da população residente no quadro dos indicadores acima apresentados, a natural tendência para o investimento das famílias na melhoria das condições de acesso à educação por parte dos seus filhos e, complementarmente, a fragilidade e indiferenciação da oferta escolar existente, a instituição constitui-se, indubitavelmente, como uma resposta necessária e relevante para a população do Concelho.

### **1.4.2. Os Princípios Pedagógicos da Instituição**

A organização de todo o trabalho da instituição gravita em torno do aluno, de forma a ajudá-lo a construir o seu próprio conhecimento e a alicerçar o seu projeto de vida. O papel do professor, neste processo, é de facilitador/mediador/encorajador da aprendizagem e da reflexão.

- As atividades desenvolvidas visam promover a curiosidade e o prazer na pesquisa de novos conhecimentos, incentivando o questionamento intelectual, o pensamento crítico e o trabalho colaborativo;
- As necessidades individuais e específicas de cada aluno são atendidas singularmente;
- O currículo desenvolve-se em função das especificidades e ritmos de aprendizagem de cada aluno tendo em vista o seu sucesso;
- Nenhum aluno é “deixado para trás” nem impedido de prosseguir em frente;
- O desenvolvimento de várias formas de expressão – corporal, plástica, dramática, musical é considerado como parte essencial de uma educação holística;
- As aprendizagens significativas, numa perspetiva interdisciplinar e sistémica do conhecimento, bem como, a perceção, caracterização e resolução de problemas, são valorizadas;
- A avaliação, como processo regulador das aprendizagens, orienta construtivamente o percurso escolar de cada aluno, permitindo-lhe, em cada momento, tomar consciência do que já sabe e é capaz de fazer;
- A relação Instituição/Família/Parceiros representa um pilar central para o desenvolvimento integral do aluno;
- A vinculação da instituição por parte dos pais/encarregados de educação, alunos, professores e restantes intervenientes no processo educativo é essencial e decorre do compromisso de construção e adesão ao Projeto Educativo.

### **1.4.3. Características da Sala - Organização do Espaço Educativo**

Ao referirmo-nos ao espaço educativo queremos explicitar que este é o espaço físico e que nele existem objetos e materiais. O espaço deve estar organizado de forma a favorecer experiências diversificadas, que estimulem o grupo para novas aprendizagens, consoante o interesse e necessidades dos alunos.

(Zabalza, 1998) afirma que:

Seja qual for a organização da sala (...) será preciso que os espaços estejam dispostos em função das necessidades das crianças, tornando possível, junto à sua actividade autónoma, a acção compartilhada em grupo. De qualquer forma, o professor deve ter consciência de que uma determinada estrutura da sala favorece determinadas actividades (p. 262)

À volta das paredes temos vários armários onde se encontra diverso material didático e de desgaste; como dossiers que contêm informação da turma. O espaço está bem organizado, permitindo o bem-estar dos alunos.

Tem o cantinho da leitura e uma pequena biblioteca. Na parede estão expostos alguns trabalhos dos alunos (desenhos), os textos já trabalhados, os quadros para fixarem os mapas das rotinas e as tarefas que cada um terá de realizar ao longo da semana, assim como os números ou outras informações que sejam pertinentes nas aprendizagens dos alunos.

As características da sala onde decorreu a nossa prática pedagógica, situa-se na parte da frente do edifício, tem uma janela muito grande que abrange uma parte da parede lateral com cortinados, que conferem luminosidade natural à sala, também em frente temos a de saída para o recreio e para porta para sair do edifício.

O chão é de vinílico, o que ajuda a manter a higiene da sala e o conforto. As mesas e cadeiras são adequadas à faixa etária. A sala encontra-se organizada por 6 conjuntos de mesas, formando ilhas e as crianças estão divididas em grupos de seis e de três, num total de 29 crianças. Esta disposição das mesas promove o trabalho cooperativo privilegiando, assim a interação entre as crianças e os trabalhos em grupo de forma a facilitar a sua movimentação.

A secretária da professora, está no lado esquerdo da sala por forma a estar numa posição de visibilidade, quer para os alunos, quer dos alunos para a professora. A sala está equipada com um quadro interativo com acesso à internet e encontra-se centrado na parede ao cimo da sala.

## **2.5. Caracterização da Turma do 1º ciclo do Ensino Básico**

A turma é constituída por vinte e nove crianças, com idades compreendidas entre os seis e os sete anos, dezoito são do género masculino e onze são do género feminino. A maioria das crianças, já frequentava esta instituição desde bebés. A nacionalidade dos alunos é, maioritariamente, portuguesa, no entanto temos um aluno de nacionalidade Russa, uma aluna de nacionalidade Brasileira e outra de nacionalidade Moldava. As famílias dos alunos provêm de um nível socioeconómico médio-alto.

Algumas famílias são monoparentais com guarda partilhada. A maioria dos alunos têm irmãos mais novos e que por vezes nota-se algumas carências afetivas devido ao comportamento desajustado em sala de aula. Cinco alunos dos vinte e nove têm comportamentos disruptivos em sala e não cumprem com as regras que eles próprios estabeleceram. Destes, cinco já têm um pré-diagnóstico, mas ainda se encontram em avaliação.

Quatro alunos requerem mais apoio individualizado por parte da professora e um aluno precisa sempre de estar acompanhado por uma auxiliar, quer dentro da sala ou no recreio. Este aluno é agressivo tanto para as crianças como para os adultos. Este cinco aluno tem apoio em terapia da fala. Os restantes alunos, são cordiais uns com os outros, ajudam-se e partilham os seus materiais.

No grupo, existem níveis de aprendizagem distintas, alguns precisam de desenvolver hábitos de estudo e manifestam muitas dificuldades na concentração e na atenção, o que se reflete nas atividades propostas. Estes ao manusear os materiais didáticos que estão na sala, fá-los entusiasticamente, ajudando-os na concentração e também contribui para adquirir hábitos de estudo sem que seja pressionado para isso. Além disso, a responsabilidade que lhe é atribuída é uma forma de desenvolver atitudes que estão ligadas aos valores, tais como: o cooperativismo, a solidariedade, entre outros.

## 2.6. Metodologia de Trabalho da Professora

A metodologia da educadora da sala é baseada no Movimento da Escola Moderna.

Em Portugal o MEM foi introduzido por Sérgio Niza em 1966 (Reconhecido pela Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna), inspirando-se nos professores: António Sérgio, Maria Amália Borges Medeiros, João dos Santos, Rui Grácio, Rosalina Gomes, entre outros. Em 1976 é formalizada uma Associação, contendo docentes e outros profissionais de educação, vindo a publicar o seu Boletim “Escola Moderna” a partir de 1978.

[...] partilha das experiências culturais da vida real de cada um e dos conhecimentos herdados pela História das Ciências e das Culturas” de que”, decorrem três finalidades formativas: 1. a iniciação às práticas democráticas; 2. a reinstituição dos valores e das significações sociais; 3. a reconstrução cooperada da Cultura. (Formosinho, *et al.*, 2007, p. 127)

Este método impulsiona o desenvolvimento moral e cívico, a capacidade de iniciativa, incentivando a autoaprendizagem, por isso o aluno é o mais autónomo possível, cabendo à professora ajudá-lo para que este ultrapasse as dificuldades que poderá encontrar: “O papel do adulto é apoiar e guiar as crianças através das aventuras e das experiências que integram a aprendizagem pela ação” (Hohmann, 1997, p. 1).

Há uma preocupação em respeitar o ritmo e as características de cada criança para garantir o sucesso de todos. Sendo assim, todos os alunos são envolvidos no sucesso de cada um, ou seja: os que têm mais facilidades ajudam aqueles que têm mais dificuldades.

Ao conversar com a professora sobre este assunto ela respondeu-me:

É essencial ouvir as crianças. Por isso, muitas vezes quando as interrogo sobre aquilo que elas querem fazer. Estas vão dando ideias, no entanto vou-lhes sugerindo atividades até chegarmos a um consenso. Se eles quiserem fazer algo diferente daquilo que sugeri, tenho que os ouvir e ao juntar as ideias uns dos outros, conseguimos chegar a uma conclusão. Definimos o que vamos fazer, como vamos fazer, quem quer fazer o quê, quando começamos, que materiais vamos usar, entre outras coisas.

Diário de bordo

Ao questionarmos a professora sobre a opção por este modelo esta afirmou que este era o modelo com que mais se identificava, visto que durante o seu percurso enquanto docente sempre trabalhou no modelo da escola tradicional, mas que tinha verificado muitas lacunas no que se refere à construção textual. Estas foram-se dissipando à medida

que teve o primeiro contacto com o MEM. Daí que prefere lecionar no Colégio, uma vez que esta metodologia vigora neste estabelecimento de ensino.

Através da observação direta sobre a prática da professora e pelas aprendizagens que adquirimos neste percurso enquanto estagiária, consideramos que a docente leciona as aulas seguindo a metodologia do MEM.

São várias as evidências desta abordagem no espaço da sala de aula: a organização da sala e das paredes, os mapas de registos, a inexistência de manuais escolares e a construção dos mesmos, até aos materiais de suporte que estão disponíveis em ficheiros de leitura e escrita, livros de histórias, jogos didáticos, a maioria manipulados em TEA (Tempo de estudo autónomo) ou em momentos partilhados em sala de aula.

## **2.7. Projeto Educativo da Instituição**

O Projeto Educativo (PE) constitui, assim, um dos instrumentos do exercício de autonomia da escola. Esta autonomia é a faculdade reconhecida à instituição pela lei e pela administração educativa de tomar decisões nos domínios da organização pedagógica, da organização curricular, da gestão dos recursos humanos, da ação social escolar e da gestão estratégica, patrimonial, administrativa e financeira, no quadro das funções, competências e recursos que lhe estão atribuídos.

Para Silva (1997, p. 44) “O projeto do educador é um projeto educativo/pedagógico que diz respeito ao grupo e contempla as opções e intenções educativas do educador e as formas como prevê orientar as oportunidades de desenvolvimento e aprendizagens de um grupo”.

Para conseguir tal desiderato entendeu-se que o PE, em causa, fosse participado, simples conciso e claro, fundamentado na expressão de uma realidade intrínseca da escola e do meio envolvente e realista nas metas que se propõe alcançar.

Entendeu ainda a Direção Executiva listar um conjunto de valores e princípios orientadores, movidos pelo direito à educação e à liberdade de ensinar como pressupostos essenciais da ação educativa:

Estes valores e princípios orientadores são os seguintes:

- Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania;
- Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade;

- Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;
- Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas;
- Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- Proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e coletiva;
- Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade

### **3 - Enquadramento Teórico - Estudo Empírico**

Neste capítulo abordaremos alguns conceitos que estão relacionados com a temática escolhida. Esta encontrar-se-á fundamentada por vários autores.

Seguindo a lógica do documento de apoio ao relatório final apresentaremos a parte investigativa, assim como a descrição das opções metodológicas, justificadas pela bibliografia de referência.

#### **3.1. Fundamentação Teórica: Justificação da Temática e Análise de Conceitos**

##### **3.1.1. Conceito de Educação (Educar)**

Podemos afirmar etimologicamente que o vocábulo “educação” é uma palavra polissémica pois, tem origem em dois termos latinos, tais como os verbos: “educare” e “educere”. *Educare* (alimentar) com o sentido de nutrir, conduzir e ensinar a conquistar os objetivos externos (pessoais ou sociais). *Educere* (conduzir para...) era utilizado para técnicas que ajudavam o despertar de potencialidades internas e essenciais ao próprio indivíduo para sua expressão plena.

Educar é um processo que se desenrola ao longo da vida e que permite ao indivíduo aperfeiçoar as suas capacidades, quer a nível físico, intelectual, emocional e moral contribuindo para formar cidadãos mais ativos e íntegros na nossa sociedade. “Esse processo se inicia inconscientemente quase com o nascimento, e está continuamente modelando os poderes do indivíduo, saturando sua consciência, formando seus hábitos, treinando suas ideias e estimulando seus sentimentos e emoções” (Dewey, 2001, p.1).

Também podemos reforçar que educar segundo Cavaco (2002, p. 26), “é um processo de aquisição de saberes que têm origem na globalidade de vida das pessoas, ou seja, associados à modalidade da educação informal”.

Além disso, a Educação é uma aprendizagem que se encarrega de transmitir ao indivíduo valores, hábitos, informações, cultura e conhecimento, como refere Delors (2001, p. 77): “A educação deve transmitir de facto, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro”.

Existem três tipos de definições de “educação”, sendo que o primeiro tipo é designado por descritivo. É uma afirmação que se propõe a explicar a natureza do significado da palavra “educação” através de um conjunto de palavras para explicar o que é o fenómeno ou como o termo deve ser entendido. Este tipo de definição pretende descrever como a palavra é utilizada com maior destaque. O segundo tipo de definição de

educação é a programática, que defende ou prescreve uma crença de que a educação deveria ser ou deveria fazer. Esta definição está menos centrada com o que é o fenómeno ou a linguagem da educação e mais preocupada com a promulgação de uma prática específica de educação que é considerada desejável (Noddings, 2007).

O terceiro tipo de definição de educação é a estipulativa e a sua finalidade é técnica e utilitária, representa um acordo ou um pacto linguístico que permite que a discussão prossiga suavemente sem forçar uma pessoa a cada estado de tempo. É essencialmente um atalho linguístico, uma forma de explicação de uma determinada versão (pág. 54).

Desta forma o conceito de educação, estipula as questões “Qual a finalidade de educar?” ou “qual é a intenção da educação?”, ou seja, os termos metas e objetivos que são muitas vezes utilizados da literatura. Os objetivos referem-se aos ideais, valores ou princípios mais gerais que a pessoa, instituição ou sociedade considera como aspiração final da educação, são declarações de valor que designam certos princípios como a aspiração final.

### **3.1.2. Conceito de Valores**

O significado do termo “valor” tem tido vários significados consoante o autor. Sendo assim, segundo Goergen (2005), refere-se que “desde a Antiguidade, o termo foi usado para designar a utilidade ou o preço de bens materiais ou o mérito de pessoas [...]. O uso filosófico só começa quando o seu significado é generalizado para qualquer objeto de preferência ou de escolha” (p. 986).

Kant, citado por Goergen (2005. p. 987), já tem outra definição: “os valores [...] são o dever ser”. Nesta perspetiva, os valores já aparecem com um certo carácter obrigatório, mostrando que os seres humanos têm que agir de uma determinada forma, por ser o que a sociedade espera deles.

Segundo Fonseca (2011), os valores são fundamentais para a formação do ser humano, por serem encarados como “fios que compõe a teia de sentidos que suporta a vida” (p. 69).

### **3.1.3. Valores Morais**

Desta forma, os Valores morais são os conceitos, juízos e pensamentos que são considerados “certos” ou “errados” por determinada pessoa ou sociedade.

Existem várias definições, mas em concordância com a proposta por Torres Triana, (2009), o valor moral é entendido como: o significado social positivo, bom, em

oposição ao mal, que orienta a atitude e o comportamento do homem para realizar o bem, ordenando seus julgamentos sobre a vida moral e ações derivadas destas.

A construção de valores vem desde o berço e são fundamentais na formação da nossa personalidade e postura perante a vida, por isso, é necessário a assimilação destes, pois todos os indivíduos devem ter consciência da sua existência; responsabilidade, generosidade, honestidade, paciência, gratidão, espírito de cooperação, solidariedade, liberdade, respeito pelo próximo, justiça e outros mais.

A moral refere-se ao comportamento humano onde a moralidade é a atividade prática e a ética descreve a reflexão teórica, sistemática e racional sobre este comportamento humano (Churchill, 1982). Os valores estão vinculados às crenças e atitudes e orientam o comportamento humano (Rennie, 2007, Pág. 75). Os valores morais e a ética são associados diretamente à sociedade e à cultura. A ética possui três significados, em primeiro lugar, a ética é um sinónimo de moralidade, de valores universais e padrões de conduta que todo o indivíduo racional deseja que todas as outras pessoas sigam, em segundo lugar, a ética é um ramo bem estabelecido da filosofia que estuda as fontes dos valores e padrões humanos. Em terceiro lugar, a ética social e profissional não é universal nem teórica, refere-se a códigos especiais de conduta (Kovac, 1996, pág. 89).

#### **3.1.4. Consciência Moral**

A consciência Moral é a capacidade que o indivíduo tem de distinguir o bem do mal, e adotar uma determinada forma de se comportar. Desta forma, a consciência moral é a capacidade que o homem tem de avaliar os princípios básicos dos seus atos.

Robert Selman ampliou as ideias de Mead e Piaget e identificou vários estágios distintos do desenvolvimento da tomada de perspectiva a partir da proposição de uma extensão da teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget e da teoria do julgamento moral de Kohlberg. O conceito apresentado por Selman e Byrne (1974) assume a capacidade de “se colocar no lugar dos outros e ver o mundo pelos seus olhos”. A este aspeto, Kohlberg (1975) comentou ainda que a tomada de perspectiva indica o nível de entendimento da natureza das relações sociais.

De acordo com Selman (1975) a ideia de que o ser humano tem a competência de fazer julgamentos morais e de que estes julgamentos obedecem a um conjunto de estágios possíveis não é uma premissa nova, pois esta capacidade já tinha sido debatida anteriormente por John Dewey desde 1909, embora tenham sido poucos os autores que

analisaram esta capacidade no âmbito do desenvolvimento, ajustamento e intervenção social.

Importa referir que, Selman baseou-se na teoria estruturalista e de desenvolvimento de Jean Piaget com o objetivo de descrever os estágios sucessivos do desenvolvimento da tomada de perspetiva do outro e no sentido de descrever de forma teórica o paralelismo com o desenvolvimento do pensamento moral. Neste sentido, Selman descreveu as mudanças de desenvolvimento com base nas análises estruturais, ou seja, nos estágios de desenvolvimento da habilidade de tomada de perspetiva social, não a considerando somente como tomada de perspetiva social ao nível quantitativo, mas como mudanças qualitativas das estruturas cognitivas infantis responsáveis pela compreensão das relações entre a perspetiva pessoal e dos outros (Selman, 1975).

### **3.1.5. Educação em Valores**

Esta começa desde muito cedo, praticamente assim que a criança nasce e prolonga-se ao longo da vida. Ou seja, a família é a primeira entidade a contribuir para a transmissão de valores e depois a escola. Magro e Trevisol (2014, p. 40) teorizam que:

A família é o primeiro grupo social de que a criança faz parte. Nele se inicia o processo de assimilação das regras sociais, padrões de comportamento, noções de direitos e deveres, crenças, linguagem e outras características peculiares que lhe serão úteis para poder viver em sociedade.

Para que isso aconteça é preciso que haja cooperação entre a escola e a família para que esta transmissão se faça de forma harmoniosa. Visto que uma complementa a outra “O jardim-de-infância respeita e integra, de modo cocriador, os valores que a criança traz da família. Não se trata de uma reprodução passiva, mas de reconstrução desses mesmos valores à luz de uma experiência de vida comunitária” (Vasconcelos, 2007, p. 112).

É preciso desenvolver a consciência moral dos alunos para que estes enquanto adultos sejam pessoas livres e críticas para que saibam diferenciar o “bem” do Mal” e daquilo que querem ou não. “Os alunos precisam de formar a sua consciência moral, para não se deixarem manipular pela sociedade de consumo, pelas modas ou pelas pressões dos grupos mais poderosos. Só as pessoas educadas são verdadeiramente livres” (Estanqueiro, 2010, p. 112).

Tanto os docentes como a comunidade escolar devem exprimir as suas ideias, mas também devem respeitar as dos seus educandos mesmo que sejam contrárias às suas. Segundo Freire:

Não pode haver caminho mais ético, mais verdadeiramente democrático do que testemunhar aos educandos como pensamos, as razões por que pensamos desta ou daquela forma, os nossos sonhos, os sonhos por que brigamos, mas, ao mesmo tempo, dando-lhes provas concretas irrefutáveis, de que respeitamos suas opções em oposição às nossas. (p. 21).

Em suma: o método de construção e de desenvolvimento moral deve entendido, especialmente pelos profissionais da educação, com o propósito de organizar e planejar e estratégias aptas para a ajudar no desenvolvimento desse processo.

A escola é um espaço social de convivência e trocas entre professores, alunos, funcionários e, nesse sentido, propício para a construção moral, pois "[...] é preciso que a criança possa ter experiências de vida social para aprender a viver em grupo e a escola é um local muito apropriado para essas vivências (Tognetta & Vinha, 2009, p. 39).

Os professores necessitam de entender a realidade social e cultural de seus educandos tendo em vista o meio que estão inseridos para orientar um sistema educativo em função de sua aprendizagem e desenvolvimento moral. Ou seja, a escola faz parte da sociedade, por isso tem que ter em conta a diversidade e a multiculturalidade do meio envolvente e respeitar os direitos e os valores de cada um.

As aprendizagens essenciais (PE) são bastantes esclarecedoras, desta forma podemos ler que:

A relação entre o indivíduo e o mundo que o rodeia, construída numa dinâmica constante com os espaços físico, social, histórico e cultural, coloca à escola o desafio de assegurar a preparação dos alunos para as múltiplas exigências da sociedade contemporânea. (p. 1)

Neste sentido, a Educação em valores tem como objetivos principais:

- Desenvolvimento integral da personalidade da criança nos seus aspetos físico, mental, emocional e espiritual.
- Inculcar boas maneiras e responsabilidade e cidadania cooperativa.
- Desenvolver o respeito pelo indivíduo e pela sociedade.
- Inculcar um espírito de patriotismo e integração nacional.
- Desenvolver uma forma democrática de pensar e viver.
- Desenvolver a tolerância e a compreensão das diferentes etnias e raças
- Desenvolver o sentido de fraternidade humana a nível social, nacional e internacional.

- Permitir que as crianças tomem decisões morais com base em princípios morais sólidos.

A educação dos valores começa na família, a primeira instituição social, no entanto, quando se trata da continuidade das sociedades e paz social, é possível que a educação de valores seja abordada de maneira mais formal, e neste aspeto Taylor destacou a parte forma da educação de valor através do uso de um conceito inclusivo que consiste em termos de educação moral, educação cívica e educação para a cidadania (Thornberg, 2008, citado por Taylor, 1994). Neste sentido, a educação de valores implícitos ou planeados nas escolas desempenha um papel ativo na transferência de valores para a sociedade (Kasa, 2015).

Do mesmo modo, Kale (2007) agrupou as características da educação em valores em quatro itens:



*Figura 1 - Características da educação em valores*

Considerando que o papel das experiências na educação em valores é essencial se os professores apoiarem os seus alunos, fornecendo a oportunidade de praticar sobre os valores na vida diária, os valores que podem ser internalizados pelos alunos (Eryaman, 2007; Aydın, 2010). Assim, a função de agregar valor aos alunos em programas de educação é geralmente exercida através de programas de educação como as ciências da vida, estudos sociais e cidadania e direitos humanos (Akengin, Sağlam, & Dilek, 2002).

De igual modo, a oferta de educação de valores está dependente da implementação efetiva dos professores, por existirem muitos resultados na literatura e pelo facto de que os valores afetam o comportamento do aluno (Babayiğit e Kılıç, 2017, citado em Brophy e Good; Yılmaz, 2009; Oğuz, 2012).

Devido à sua posição, os professores têm um papel importante no processo de agregar valor aos seus alunos e, por esta razão os alunos são influenciados por julgamentos de valor dos professores (Yiğittir e Öcal, 2011).

Uma das razões mais importante para reorientar a educação para valores é que as práticas atuais na educação escolar em geral contribuem para o desenvolvimento desigual dos alunos, sendo que estes colocam o foco exclusivo nas habilidades cognitivas e apresentam uma alienação entre a cabeça e o coração. Os alunos são alimentados num espírito de competição excessiva e são treinados desde o início para se relacionar com esta competição agressiva, e fatos destacados em diversos contextos.

Sempre que há uma discussão sobre valores e educação de valores há geralmente ceticismo sobre a relevância dos valores no contexto atual. Uma razão é porque nossa conceção geral sobre educação de valores tem sido expressa principalmente em termos de desenvolvimento de valores e virtudes como honestidade, autocontrolo, respeito, responsabilidade, lealdade pela personalidade ou desenvolvimento do carácter do indivíduo per se, sem situá-lo no contexto das realidades e condições sociais e culturais (Babayiğit e Kılıç, 2017).

A educação para os valores tem como objetivo promover as capacidades, atitudes e habilidades que importam, não apenas nas escolas, mas também na vida além das escolas. A educação para valores destaca a compreensão de que os valores devem ser propostos nos alunos, não apenas para o seu próprio interesse, mas também para o bem comum, refletindo assim o equilíbrio entre o interesse do indivíduo e o interesse maior (Kasa, 2015).

### **3.1.6. A Educação para a Cidadania como Forma de Promover os Valores**

Para o 1º ciclo segundo as Aprendizagens Essências, na educação para o desenvolvimento podemos ler: “A Cidadania e Desenvolvimento visa contribuir para o incremento de atitudes e comportamentos, de diálogo e respeito pelos outros, alicerçados em modos de estar em sociedade que tenham como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da igualdade, da democracia e da justiça social” (p 6).

Também é preciso realçar a importância da formação do docente, de forma que este esteja preparado para ministrar os conteúdos desta área, planear em conjunto com as

crianças as atividades, traçar metas de aprendizagem e delinear estratégias para conseguir alcançar os objetivos. Nas PE é bastante clara e objetiva nesta temática: “Pressupõe-se, assim, que os docentes detenham formação na área da cidadania, motivação para a abordagem desta área e para a utilização de metodologias de projeto, bem como experiência na coordenação de equipas pedagógicas.” (p. 2)

A avaliação deve ser contínua e sistemática, tendo em consideração as crianças, ao meio em que pertencem, quer no contexto familiar e ao meio em que estão inseridos, às atividades que foram desenvolvidas.

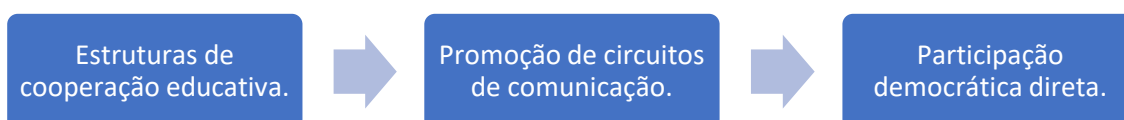
Segundo as PE:

Tendo em conta as características desta componente, a avaliação deverá ter lugar de forma contínua e sistemática, adaptada aos avaliados, às atividades e aos contextos em que ocorre. Assim, as formas de recolha de informação deverão ser diversificadas e devem ser utilizadas diferentes técnicas e instrumentos de avaliação. (p. 6)

### **3.2. A Promoção dos Valores Segundo o Modelo Pedagógico socio moral – Movimento da Escola Moderna**

O MEM tem como objetivo a construção por meio da ação dos professores que o integram, a formação democrática e o desenvolvimento sociomoral dos alunos e assegurar a sua plena participação na gestão do currículo escolar. Neste sentido, os alunos têm a responsabilidade de colaborar com os professores no que respeita ao planeamento das atividades curriculares, mesmo tempo entreajudarem-se nas aprendizagens que decorrem de projetos de estudo, investigação e intervenção.

De salientar que o MEM é uma metodologia diferenciada que estimula a participação democrática das crianças numa forma de cooperação na sala de aula, e nos vários contextos em que estão inseridas. De acordo com Folque (2014) representa sim o envolvimento da responsabilidade partilhada das crianças na sua própria aprendizagem e desenvolvimento, tendo como base uma educação inclusiva. E assenta em três princípios básicos:



*Figura 2 - Três princípios básicos do MEM*

### **3.3. Dinâmica Relacional - Criança - Criança/Criança - Adulto/Adulto - Adulto**

Hohmann, (1997): “A aprendizagem pela ação depende das interações positivas entre os adultos e as crianças.” (p. 6)

Numa dinâmica de relação adulto-adulto, é essencial proporcionar à criança um ambiente organizado e harmonioso, para isso é necessário que haja um bom trabalho de equipa. O bom relacionamento entre si é fundamental até porque servimos como modelo de referência para as crianças. Igualmente importante, é estarmos sempre disponíveis para atender as suas necessidades.

Na relação adulto-criança, temos a obrigação de dar às crianças todo o apoio que elas necessitam, quer seja a nível físico ou emocional, quer estabelecendo com ela uma relação de confiança e carinho. Por vezes temos de servir de mediador nas situações de conflito e ajudá-las a resolverem certos problemas. Desta forma, temos o diário de Turma que é introduzido no início de cada semana, onde os alunos fazem os registos do que gostaram, do que não gostaram, das sugestões e dos parabéns. No final da semana é discutido

No movimento da escola Moderna, principalmente em TEA, aos alunos são incentivados a participar em todas as atividades para colmatar algumas dificuldades e potenciar

Na relação criança-criança, sabemos que as crianças nesta faixa etária são muito ativas e criativas, mostrando normalmente curiosidade pelas atividades propostas. As crianças ao estabelecerem relações entre si aprendem as regras básicas de relação social, em que é necessário entenderem e respeitarem a opinião dos outros. A forma como a sala está organizada, por áreas, as mesas das atividades proporciona às crianças interagirem entre si. O conceito de partilha, de trabalho cooperado vai-se interiorizando, ou seja, vão repartindo e partilhando os materiais uns com os outros.

### **3.4. O Tempo de Estudo Autónomo e os Contributos desta Prática para os Alunos**

O Tempo de Estudo Autónomo (TEA) é o momento em que os alunos podem trabalhar individualmente, de forma a superar as suas dificuldades. Posto isto, (Serralha, 2007) refere que “Os alunos devem realizar atividades de treino e de estudo a fim de consolidar os conteúdos aprendidos e superar as suas dificuldades.” (p.63)

Sendo assim, também podem formar parcerias e trabalhar em grupo, privilegiando o trabalho cooperativo e envolver os alunos no processo de ensino-aprendizagem.

As crianças do primeiro ano precisam da orientação do professor para interiorizarem o conceito e depois à medida que vão transitando de ano, são cada vez mais autónomas na orientação do mesmo. O conceito de autonomia apresentado por vários autores diz respeito à proatividade dos alunos para aceder, pesquisar conteúdos, conhecer. A autonomia está sempre relacionada com o poder que o aluno exerce, sendo um processo educativo que visa a construção e a apropriação da autonomia que permite uma melhor aprendizagem. Neste aspeto, Foucault referiu que o poder era considerado algo que se origina numa fonte para os fins, ou seja, o poder pode ser uma concessão de alguém com mais poder que lhe confere outro abaixo da escala (Foucault, 1979, p. 184).

No entanto, o TEA tem causado alguns constrangimentos aos pais porque veem o método da escola tradicional como sendo o ideal e não compreendem os benefícios do modelo que a escola adotou. Os alunos, neste caso do 1º ano do Ensino Básico encaram este momento como se fosse uma brincadeira, o facto de poderem manipular os materiais didáticos sem que seja imposto e circular na sala de aula sem serem repreendidos, ou seja neste caso não conseguem perceber até então o conceito de autonomia. Além disso, o conceito de responsabilidade - ser responsável pelas suas próprias aprendizagens e superar as dificuldades, assim como a organização dos trabalhos através do Plano Individual de Trabalho (PIT), é algo que não está incutido porque relacionam os trabalhos com as brincadeiras que tinham no Pré-escolar. Assim como, o contributo do mesmo para a promoção dos valores e o estreitamento das relações entre as crianças e também com o professor.

Retirado do diário de bordo, “a professora recebe vários emails dos pais porque os filhos dizem que adoram TEA porque podem circular dentro da sala de aula e podem brincar com o que lhes apetece. Esta sentiu necessidade de fazer uma reunião com os alunos e com os pais para lhes explicar o conceito de TEA”. Ainda nas anotações do diário de bordo, a professora comentou que os pais têm dificuldade em perceber a metodologia do MEM, embora essa fosse explicada no início do ano letivo. Não percebem porque é que os filhos ainda não sabem todas as letras do abecedário e depois fazem comparações com outros alunos que pertencem a outras instituições. (18/01/2023)

#### **3.4.1. Plano individual de trabalho**

O Plano Individual de Trabalho (PIT) enquadra-se no Tempo de Estudo Autónomo (TEA) como guia do trabalho dos alunos ao longo da semana (Resendes e Soares,2002). O PIT é introduzido no início de cada semana e é avaliado no final dessa semana. Como tal, o Plano individual de trabalho é uma ferramenta que possibilita aos

alunos a organização das suas atividades, concedendo ao aluno a oportunidade e experienciar todos os materiais existentes na sala. Sabemos existem preferências relativamente às atividades e é neste sentido que o PIT é indispensável na sua avaliação para que esta perceba o que lhe falta trabalhar e o que já trabalhou, quer seja na escrita, na matemática, no estudo do meio, entre outras. A avaliação é realizada em conjunto com professor, sendo uma auto e hétero- avaliação.

Os Planos Individuais de Trabalho, instrumentos privilegiados de diferenciação organizam, apoiam e regulam o trabalho escolar do aluno, reforçam a importância que se dá no MEM a uma pedagogia que faz dos alunos sujeitos das suas aprendizagens e assume a cooperação como factor de aprendizagem (Santana, 1998 citado em Resendes e Soares, 2002: pág. 97).

### **3.4.2.O Diário de turma**

Niza (2012) define o diário como “uma memória histórica e o registo cultural de um grupo de alunos com o seu professor” (p.143).

O Diário de turma é um dos instrumentos de pilotagem essencial para a turma, visto que ajuda na resolução de conflitos e a comunicação entre os alunos e também com a professora. Está dividido em quatro colunas: na primeira, à esquerda, é a coluna do “Não gostamos”, é o local onde os alunos escrevem o seu nome quando há algum conflito entre pares ou em grupo e não conseguem resolver o conflito sozinhas, que aconteceram dentro da sala e fora da sala. A coluna a seguir é do “Gostamos” e aí as crianças escrevem o seu nome quando gostaram de algo que fizeram ou lhes fizeram, quer seja a pares, em grupo ou individualmente. Estas duas colunas, representam os “juízos negativos e positivos, da educadora e dos alunos, sobre as ocorrências mais significativas ao longo da semana” (Niza,2013, p.153).

A coluna das sugestões é aquela que os alunos registam algumas ideias para fazerem alguns melhoramentos dentro da sala de aula. Estas sugestões são comunicadas à turma e em conjunto refletem se as sugestões são exequíveis e se é uma mais valia para o grupo.

A coluna das sugestões é dividida em duas e assim surge a coluna dos parabéns. Aqui é registado tudo o que foi positivo durante a semana.

Ao longo da semana os alunos vão preenchendo o Diário e no final da semana é feita uma avaliação do conteúdo em conjunto com a professora. Os registos podem ser ilustrados ou apoiados por tentativas de escrita, uma vez que os estudantes se encontram no 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico.

## 4 - Metodologia

A metodologia é uma explanação pormenorizada de toda ação desenvolvida no percurso do trabalho de uma pesquisa.

### 4.1. Objeto de Estudo, Pergunta e Questões de Partida e Objetivos do estudo.

A nossa Prática Supervisionada (PES II) teve a duração de 300h e foi realizada numa instituição educativa no 1º ano do 1º ciclo do Ensino Básico, onde vigora o Modelo do Movimento da escola Moderna e preferimos por aí efetuar a nossa investigação, tendo em conta como objeto de estudo o tempo de Estudo Autónomo (metodologia MEM) poderá contribuir para o desenvolvimento dos valores em crianças do 1º ciclo do Ensino Básico.

Assim sendo, a questão de partida da presente dissertação concretiza-se na seguinte pergunta:

De que modo o tempo de estudo autónomo (metodologia MEM) poderá contribuir para o desenvolvimento dos valores em crianças do 1º ciclo do ensino básico?

Para além da questão levantada à partida, outras foram surgindo de forma a complementar a nossa investigação e que nos pareceram importantes para que o estudo da temática ficasse mais completo. Sendo assim, tendo em conta o acima referido, a presente investigação terá como **objetivos**:

- Perceber o conceito do TEA;
- Compreender se o TEA é importante na promoção dos valores;
- Perceber a importância do TEA no comportamento das crianças;
- Perceber se TEA pode contribuir para fortalecer a relação entre os pares e a relação com o professor.

### 4.2. Metodologia qualitativa e um Estudo de Caso

A metodologia usada neste trabalho, que nos pareceu ser a mais adequada, diz respeito a um estudo de cariz qualitativo.

As técnicas de recolha de dados utilizadas foram: Notas de Campo registadas durante o estágio, a observação direta e participativa, a análise do projeto educativo da instituição e das entrevistas dos alunos e à Coordenadora Pedagógica.

Segundo Adler & Adler, citado por Aires, (2011), “a observação qualitativa é fundamentalmente naturalista; pratica-se no contexto da ocorrência, entre os actores que participam naturalmente e segue o processo normal da vida quotidiana”. (p. 25),

A observação acontece espontaneamente, com imprevistos, o que pressupõe uma adaptação de quem observa, no entanto é rica em pormenores descritivos em relação às pessoas, locais, conversas, entre outras coisas.

Biklen e Bogdan (1994, p. 47-50), referem cinco características muito importantes acerca da investigação qualitativa:

- Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;
- A investigação ocorre e decorre no terreno;
- A investigação qualitativa é descritiva
- O observador recorre às suas anotações e a todos os registos que entende necessários para o seu estudo.
- Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.

Aqui, parece-nos que se adapta inteiramente ao nosso objeto de estudo: desenvolver os valores nas crianças. “Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva”.

Após a recolha de dados, o investigador não pretende fazer confirmações, mas sim uma pequena coleção de registos. “O significado é de importância vital na abordagem qualitativa”.

Esta característica vai igualmente ao encontro do meu objeto de estudo. Isto é, nesta podemos colocar-se questões de forma a incentivar o indivíduo a fazer uma reflexão, sobre algum episódio que tenha acontecido e que mereça a nossa atenção.

Por conseguinte, consideramos esta investigação se enquadra dentro de uma metodologia qualitativa, sendo um estudo de caso.

Segundo o professor João Pedro da Ponte (1994),

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um curso, uma disciplina, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e a sua identidade própria. É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico (p.2).

Nesta conjectura, a presente investigação enquadra-se em uma metodologia de natureza qualitativa, incidindo sobre um Estudo de Caso, já que se debruça sobre uma sala de aula em concreto — Sala do 1º ano do 1º ciclo do Ensino Básico da instituição, tirando partido de várias fontes de Informação (documentos estruturantes - Projeto Educativo da Instituição, as entrevista à coordenadora do primeiro ciclo e documentos como o Diário de bordo, registo de conversas informais e reflexões cooperadas realizadas pela investigadora aquando do seu estágio na sala em questão.

O Estudo de Caso consiste na observação de um contexto, ou individualmente, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico (Memiam, 1988 cit. por Bogdan & Biklen, 1994, p.89).

A atual investigação configura-se um estudo de caso, dado que a investigadora começou por recolher dados, revendo-os e explorando-os, e foi tomando decisões acerca do objetivo do trabalho. À medida que foi conhecendo melhor o tema em estudo, o seu foco foi direcionado para o objeto de estudo que queria realizar, delimitando-se assim, a área de trabalho.

### **4.3. Técnicas e instrumentos de recolha de dados**

#### **4.3.1. Análise documental**

Neste enquadramento, a consulta incidiu sobre o documento oficial da instituição, principalmente sobre o projeto Educativo. Assim sendo, Coutinho (2018, p. 370) “[...] Centra-se na perspectiva do investigador e implica uma pesquisa e leitura de documentos escritos que se constituem como uma boa fonte de informação”

Nestes documentos os investigadores conseguem ter acesso aos princípios pedagógicos pelos quais se rege a instituição e as práticas educativas desenvolvidas por cada profissional de educação. Estes documentos estão numa página da Internet em formato digital.

Bogdan e Biklen (1994) distinguem dois tipos de documentos: os pessoais e os oficiais.

Os documentos pessoais referem-se a qualquer narrativa feita na primeira pessoa que descreva ações, experiências e crenças do indivíduo (Plummer,1983; Taylor e Bogdan, 1984, cit. por Bogdan & Biklen, 1994, p. 177).

Os documentos oficiais dizem respeito aos pontos de vista organizacionais das instituições. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.180) nestes documentos os

investigadores podem ter acesso à “perspetiva oficial”, bem como às várias formas como a comunidade escolar comunica. Normalmente estes documentos podem ser facilmente consultados pelo investigador

Ao lermos atentamente o documento institucional foi-nos possível compreender os princípios e modelo pedagógico da instituição, bem como a relação que esta pretende entre a comunidade educativa e as aprendizagens das crianças.

Uma primeira análise deste documento foi realizada para se elaborarem os pontos 1 e 2 deste relatório, podendo esta informação ser também mobilizada para a análise e discussão dos dados.

#### **4.3.2. Observação Direta e Participante**

Ao longo do percurso académico a observação direta foi a recolha de dados mais utilizada.

Na opinião de Quivy & Campenhoudt, (1997, p.196) a observação direta, apela ao sentido de observação e capta os comportamentos no momento em que ocorrem, sem ser necessário, recorrer a outro tipo de informação, quer documental ou verbal.

Desta forma, ao observar as crianças enquanto estão envolvidas as atividades, podemos proceder à recolha de informação necessária para percebermos os seus interesses, as suas carências. Sendo assim, iremos planear as atividades e adequar os materiais necessários para estimular os interesse das mesmas.

A observação participante, dá-nos a possibilidade de participar nas práticas exercidas, assim como no seu planeamento para mais tarde refletirmos e avaliarmos todas as ações que ocorreram. Estas devem servir de base para tomarem decisões em relação ao ensino e ao currículo. segundo Man (1970) citado por Marconi & Lakatos, (1992, p.182), é uma tentativa de colocar o "observador" e o "observado" no mesmo lado. O que quer dizer que o observador se molda ao grupo observável, com o objetivo de viver dentro do sistema dele.

Aqui há uma interação entre os protagonistas de forma a promover as relações e facilitar a comunicação e veiculação de informação.

#### **4.3.3. Diário de Bordo**

Este foi um dos instrumentos mais importante durante o percurso académico enquanto estagiários. Tronou-se essencial para registarmos todas as ocorrências durante as práticas pedagógicas. Este permite registarmos todas as informações que achamos pertinentes para mais tarde refletimos sobre as mesmas sem esquecer certos pormenores.

Cruz (2007, p.195) salienta que “este momento de reflexão na medida em que, a reflexão é um instrumento que teoriza a prática, e que vai estruturar conhecimentos anteriores, transformando -se em novos saberes”.

E ainda segundo os estudos de Cruz (2007, p. 199),

(...) durante a supervisão da prática pedagógica de estagiários, até o orientador tem ganhos com as narrativas dos estagiários. Pois quando permitem ao orientador, aceder às suas narrativas, assumem-no como instrumento provocador de reflexão e clarificação dos seus pensamentos.

Ao refletirmos temos a noção como deveríamos atuar, no sentido de evoluir na nossa aprendizagem de aquisição dos conhecimentos.

#### **4.3.4. Entrevista**

As entrevistas são, na ótica de Morgan conversas intencionais entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas (cit. por Bogdan & Biklen, 1994, p.134), ou seja, esta recolha de dados consiste num diálogo entre duas ou mais pessoas para um determinado fim. O entrevistador tem como objetivo obter informações sobre um determinado assunto.

Ketele e Roegiers (1993, p. 22):

A entrevista é um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas seleccionadas cuidadosamente, a fim de obter informações sobre factos ou representações, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspectiva dos objectivos da recolha de informações.

Esta técnica de recolha de informação, serviram de apoio à nossa investigação. Segundo os autores Quivy e Campenhoudt (2005, p.69) a entrevista é a técnica mais adaptada para a análise do sentido que os autores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se veem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das próprias experiências.

A entrevista é semiestruturada para termos a liberdade de acrescentar algumas questões ao guião da entrevista consoante as respostas dadas pelo entrevistado. Desta maneira, Quivy e Campenhoudt (1998), as entrevistas, independentemente de partirem de um guião realizado pelo entrevistador, possibilitam que o entrevistado tenha alguma autonomia para desenvolver as suas respostas de acordo com o sentido que considere

apropriado, expondo a oportunidade de explorar os aspetos que considere mais importantes de uma forma flexível e aprofundada.

Para nos orientarmos temos que elaborar um guião com os aspetos que nos parece mais importantes para responder às nossas perguntas de partida.

Segundo Azeredo, *et. al* (2019, p. 20) “o entrevistador tem como base um guião, no entanto este poderá fazer questões que não estão expressas no guião e que serão em função das respostas dadas pelo entrevistado”.

Nesta investigação entrevistamos a Coordenadora Pedagógica do 1º ciclo do Ensino Básico que acompanhou o grupo desde o início do ano letivo e substituiu a docente quando esta faltava e também dois alunos da instituição onde realizamos a investigação. Não foi possível entrevistar a professora titular porque esta encontra-se de baixa médica e não se mostrou disponível. A docente que está a substituí-la, só iniciou a sua prática a partir de abril e não mostrou vontade de ser entrevistada, visto que não acompanhou o progresso dos alunos desde o início do ano até ao iniciar a sua prática.

As perguntas serão adaptadas consoante a idade das crianças, tendo em conta que são crianças do 1º ano de ensino Básico. A docente será a diretora pedagógica do Primeiro ciclo e também colaboradora do MEM no núcleo de Setúbal. Seguidamente iremos cruzar as entrevistas para fazemos uma análise refletiva das mesmas.

A entrevista decorreu na plataforma *Zoom* devido à falta de tempo da docente para nos encontrarmos-nos.

## 5 – Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

O presente estudo tem como objeto perceber como o tempo de estudo autónomo poderá contribuir para o desenvolvimento dos valores em crianças do 1º ciclo do ensino básico. Tendo em conta a questão de partida, escolhemos para fazer a análise do respetivo conteúdo a entrevista à coordenadora pedagógica do 1º ciclo e os dois alunos da turma da instituição, o projeto educativo e algumas das notas de campo obtidas no período de Prática Supervisionada.

É uma técnica que consiste em interpretar a recolha de dados mediante a recolha documental, sejam elas entrevistas, livros, entre outras.

Bogdan e Biklen (1994), consideram que a análise de dados:

Consiste num processo de busca e de organização sistemático de transcrição de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados pelo investigador, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou (p. 205).

O termo análise de conteúdo designa: um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou qualitativos) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47)

Alem disso, Bardin (2011) aponta que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, ou seja a interpretação e a conclusão.

No presente estudo, apresentamos alguns excertos das entrevistas que fizemos à coordenadora Pedagógica e aos alunos da instituição, afim de percebermos se conseguimos responder aos objetivos específicos para os relacionarmos com a questão de partida.

**Objetivo Geral:** Perceber se o tempo de estudo autónomo é uma forma de promoção os valores em crianças no 1º ciclo do ensino básico.

**Objetivos específicos:**

- Perceber o conceito do TEA;
- Compreender se o TEA é importante na promoção dos valores;
- Perceber a importância do TEA no comportamento das crianças;

- Perceber se TEA pode contribuir para fortalecer a relação entre os pares e a relação com o professor.

## 5.1. Apresentação dos resultados

### 5.1.1. Discurso do aluno D (primeiro aluno)

Tabela 1 - Discurso do Aluno D

Designação de blocos	Objetivos	Formulário de pesquisa	Excerto de respostas
Bloco A – Dados identificativos do entrevistado	Conhecer o Entrevistado	Quanto anos tens?	“7”
		Estás em que ano?	“1º ano”
Bloco B – Conceito de TEA	Compreender se o aluno já se apropriou do conceito de TEA	O que é, que é para ti o tempo de estudo autónomo?	“É uma atividade que nós chamamos TEA e que é para nós fazermos trabalhos, tipo recortes e colagens outros trabalhos, parcerias, jogos de matemática, jogos de palavras e fazer escrita.”
		No início, tu achavas que estava a estudar ou achas que estás a brincar?	“A brincar.”

		E agora?	“A Estudar”
Bloco C – Trabalho Cooperativo e resolução de conflitos	Compreender a conceção dos alunos em relação ao trabalho cooperativo e à resolução de conflitos.	Gostas mais de trabalhar sozinho, em pares ou em grupo?	<p>“Em grupo.”</p> <p>“Temos companhia à volta”</p> <p>“(…) não me sinto sozinho a fazer o trabalho”</p> <p>“(…) ajudo os meninos e os meninos ajudam-me.”</p>
		Costumam sempre dar-se bem ou não?	“Às vezes nós discutimos, mas resolvemos depois”
		Se tiveres alguma dificuldade o que é que tu fazes? Resolvem sozinhos, tentam pedir ajuda, o que é que fazes?	“Às vezes, escrevemos o que não gostei e depois nós partilhamos com a turma e depois fica resolvido (...)”

		Onde é pões essa parte do não gostei, onde é que tu vais escrever isso?	“No Diário de turma”
		Então quer dizer não pedes ajudas?	“Não”
Bloco D – O Trabalho de Estudo Autónomo e a importância da promoção dos valores	Compreender a importância de TEA na promoção dos Valores	Há muitos materiais na sala, não é? Como o Geoplano, como as barrinhas de <i>cuisenaire</i> .... Imagina que tu queres ir trabalhar com um desses materiais, mas está lá algum menino, o que é tu fazes?	“Eu digo que posso jogar, se o menino dizer que não eu vou fazer outra coisa, mas que ele dizer que sim, eu vou jogar, mas se tiver vazio e não tiver nenhum menino eu entro”
		Então esperas pela tua vez, é?	“Sim”
Bloco E - A importância das relações Criança-Criança e Adulto-Criança	Compreender a conceção dos alunos em relação o TEA, se esta contribui para	Será que a TEA contribuiu de alguma forma para tu	“Sim”

	fortalecer a relação entre os pares e a relação com o professor	gostares de te relacionares com os teus colegas, de te dares melhor com os teus colegas e de colaborarem todos uns com os outros?	
		Estavas a dizer-me que vocês não brigavam. Achas que isso contribuiu para vocês estarem mais há vontade uns com os outros e para partilharem as vossas opiniões?	“Sim, nós decidimos quantos meninos é que podem ficar na área, tipo... tipo na biblioteca só podem ficar 4, nos jogos também 4”
		Estabeleceram regras acerca de quantos meninos devem estar dentro das áreas	“Sim”

### 5.1.2. Discurso do Aluno. A (Segundo aluno)

Tabela 2 - Discurso do Aluno A (Segundo Aluno)

<b>Designação de blocos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Formulário de pesquisa</b>	<b>Excerto de respostas</b>
Bloco A – Dados identificativos do entrevistado	Conhecer o Entrevistado	Quanto anos tens?	“6”
		Estás em que ano?	“1º ano”
Bloco B - Conceito de TEA	Compreender se o aluno já se apropriou do conceito de TEA	O que é, que é para ti o tempo de estudo autónomo?	“Nós fazemos alguns trabalhos que também, trabalhos e estudos...”
		Tu achas que estás a estudar ou achas que estás a brincar?  E agora?	“A brincar.”  “A estudar”
Bloco C - Trabalho Cooperativo e resolução de conflitos	Compreender a conceção dos alunos em relação ao trabalho cooperativo e à resolução de conflitos.	Gostas mais de trabalhar sozinho, em pares ou em grupo?	“Em grupo porque tem muitas pessoas e podem me ajudar e às vezes eu ajudo elas e outras vezes elas ajudam e dão obrigada nas que eu ajudei.”

		Vocês ajudam-se uns aos outros e partilham os vossos trabalhos, ou não?	“Sim”
		Se tiveres alguma dificuldade o que é que tu fazes? Resolvem sozinhos ou tentam pedir ajuda?	“(…) se não dá para resolver, nós pedimos à professora, mas quando não dá para resolver com a professora, nós escrevemos no diário de turma, o que não gostei.”
		Nunca conseguiram resolver nada sozinhos? É assim tão problemático?	“Conseguimos e não conseguimos.”
Bloco D - O Trabalho de Estudo Autónomo e a importância da promoção dos valores	Compreender a importância de TEA na promoção dos Valores	Costumas partilhar as tuas coisas com os teus amigos?	“Sim, trabalhos eu sempre apresento as minhas... algumas coisas no contar e mostrar”
		Há muitos materiais na sala, não é? Como o Geoplano, como as barrinhas de <i>cuisenaire</i> .... Imagina que tu queres ir	“Eu pergunto que eu posso e se ele dizer não, eu faço um material que está disponível.”

		trabalhar com um desses materiais, mas está lá algum menino, o que é tu fazes?	
		Então respeitas o menino, então tu vais quando o menino sair tu vais brincar então com isso?	“Sim”
Bloco E - A importância das relações Criança-Criança e Adulto-Criança	Compreender a conceção dos alunos em relação o TEA, se esta contribui para fortalecer a relação entre os pares e a relação com o professor	Achas que TEA contribuiu para te relacionares melhor com os teus amigos, dás-te melhor com eles, falarem melhor, formarem assim ou terem uma grande amizade?	“Sim, eu gosto muito de estar com os meus amigos”
		Queres acrescentar mais alguma coisa?	“em TEA arrumamos tudo direitinho.”

### 5.1.3. Discurso da Coordenadora Pedagógica

Tabela 3 - Discurso da Coordenadora Pedagógica

<b>Designação de blocos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Formulário de pesquisa</b>	<b>Excerto de respostas</b>
Bloco B – Dados identificativos do entrevistado e o seu percurso académico e profissional	Conhecer o Entrevistado	Qual a sua idade?	“54”
		Fale-me um pouco do seu percurso, académico e profissional.	“Eu fiz a licenciatura em primeiro ciclo, (...) mais tarde fiz uma pós-graduação em psicologia do desenvolvimento sensorial e cognitivo”
		Há quantos anos é professora?	“25”
		Há quanto tempo trabalha nesta instituição?	“9”
		Sendo a coordenadora pedagógica do primeiro ciclo, há quantos é que você está neste cargo?	“2”

		Acompanhou e acompanha a turma ao longo do ano.	“Faço coadjuvação com a professora do primeiro ano.”
Bloco C - Modelo Pedagógico -Movimento da Escola Moderna	Compreender a concepção da professora quanto ao Modelo Pedagógico que se rege;  Compreender os motivos que levaram o docente a escolher esse modelo;	Qual é o modelo pedagógico que segue? E porquê?	“Fui um bocado influenciada também pela minha mãe, pronto a minha mãe também foi professora, durante 33 anos e era a forma como ela trabalhava. (...) Fui preparada para trabalhar desta forma e foi uma coisa que me dificultou os primeiros anos da minha escolaridade, (...) cheguei aqui e o ensino era muito tradicional e isso foi o choque muito grande para mim (...)! ”

		<p>Quais eram características deste (MEM) e desse (Modelo tradicional)? Acabou por se habituar ao Modelo Tradicional?</p>	<p>“O meu primeiro ano de escolaridade...na altura era a primeira classe foi muito complicada, porque eu vinha preparada para fixar , para decorar... palavras, textos e depois cheguei aqui eu tinha que saber o nome das letras e tinha que saber juntar, então eu lia os textos que a professora mandava ler em casa, fixava os textos e chegava à escola e lia os textos e depois a professora perguntava-me as palavras salteadas ou as letras, eu não sabia dizer”</p> <p>“(...) acabei por me adaptar”</p> <p>“acho que o que eu queria por em prática era uma... uma filosofia que permitisse às crianças serem mais livres, mais responsáveis pelas</p>
--	--	---	--

			<p>aprendizagens delas e que eu não fosse um veículo de transmissão de conhecimentos, que elas se auto-instruíssem.”</p>
		<p>Como é que percebeu que esse seria o modelo ideal para trabalhar na sua prática pedagógica?</p>	<p>“A autoaprendizagem... e por isso me enquadro neste movimento e partindo sempre daquilo que as crianças sabem, não na altura que eu ingressei na escolaridade obrigatória, nós eramos tábuas rasas, não sabíamos nada e o professor é que sabia tudo e eu penso que isto é o mais errado possível, portanto nós partimos das experiencias deles, das vivencias deles, é uma coisa que lhes</p>

			<p>dá lhes faz muito mais sentido e como tal eles também correspondem de outra forma.”</p> <p>“só assim é que faz sentido, porque eu posso ter por exemplo uma criança que tem muitas dificuldades... numa determinada área da matemática, um exemplo mas é muito bom por exemplo numa área do português e tenho o outro que por exemplo tem muitas dificuldades no português mas que é excelente na matemática ou numa área específica da matemática ou seja quando eu estimulo a autonomia deles e o trabalho deles, trabalho cooperativo, esses alunos como tem uma linguagem muito mais próxima do que... do que o adulto tem com eles, eles conseguem às vezes colmatar, o défice de um na</p>
--	--	--	---

			<p>matemática com a ajuda do outro que é bom na matemática e o outro consegue colmatar as dificuldades dele ao português com o outro. Portanto esta troca de saberes e de experiências eu acho que é essencial.”</p> <p>“cientificamente até nem é o mais correto, mas eu penso que o mais importante é eles perceberem.”</p> <p>“Perceberem, o saberem fazer, o compreender o porque das coisas e... se utilizar o termo certo. Eu não me preocupo muito com isso, preocupo-me que eles saibam, que saibam fazer, que compreendam o que estão a fazer, que não estejam a trabalhar no abstrato porque nestas idades eles não têm capacidade de abstração</p>
--	--	--	---

			suficiente para estarem a trabalhar no abstrato”
		Está a falar num trabalho cooperativo, não?	“Exatamente”
Bloco C - Trabalho Cooperativo e resolução de conflitos	Compreender a conceção dos alunos em relação ao trabalho cooperativo e à resolução de conflitos.	O meu tema é sobre o TEA, o tempo de estudo autónomo, já agora na sua perspetiva o que é que é TEA?	“A TEA para mim é essencialmente uma partilha de saberes, uma partilha de saberes, uma consciencialização de...das...das minhas próprias fragilidades, quais são as áreas que eu necessito de trabalhar, e como é

			<p>posso fazer isso, sozinho ou com a ajuda de um colega ou de vários colegas”</p>
		<p>Está a referir-se a autonomia de cada, cada criança para fazer aquilo que achar...</p>	<p>“Exatamente, para decidirem aquilo que... a área ou as... as atividades que irão desenvolver, isso é registrado”</p> <p>“No PIT, no plano individual de trabalho de cada aluno (...) não podem trabalhar sempre na mesma coisa, eles não podem ir sempre fazer recorte, não podem ir sempre fazer colagem... os espaços estão divididos são espaços temáticos... temos espaço de leitura, temos espaço de passatempos normalmente são passatempos que estão</p>

			relacionados com as aprendizagens, que eles acham que estão no início acham que estão a brincar..”
Bloco D - O Trabalho de Estudo Autónomo e a importância da promoção dos valores	Compreender a perspectiva da Coordenadora pedagógica em relação à forma de promover os valores em TEA	Que vantagens é que vê no TEA no contexto de primeiro ciclo?	“TEA é importante, não só no primeiro ciclo , em todos os ciclos , mas no primeiro ciclo eu penso para mim umas das principais vantagens é trabalhar a autonomia promover a autonomia, portanto porque eles é que têm que gerir o que é que precisam de trabalhar o que é que não precisam de trabalhar, se já conseguiram passar aquela dificuldade se não conseguiram , autonomia logo, depois a responsabilidade, porque eles são responsáveis, primeiro por deixar os espaços onde estiveram como os encontraram, porque, têm colegas a trabalhar e as coisas têm que estar

			<p>organizadas, depois a responsabilidade pelas suas aprendizagens.”</p> <p>“quanto mais cedo eles aprenderem que eles são responsáveis pelas aprendizagens deles melhor, porque não é a mãe, não é o pai, não é o professor, eles são responsáveis também, somos todos responsáveis, mas os principais responsáveis são eles”</p>
		<p>Acha que vai influenciar a vida deles além da escola?</p>	<p>“(…) isto incute valores como a solidariedade a interajuda o saber estar no lugar do outro, porque o outro tem dificuldades nesta área mas eu tenho noutras também, portanto, eu sei como aquele colega se sente e como sei como aquele colega se sente há partida não vou usar isso para</p>

			<p>fragilizar o outro, pelo contrário vou ajuda-lo depois e ele ajuda-me a mim, os dois juntos podemos ajudar outros dois, e se esses 4 se cada um ajudar outro já são 8 que tão ajudados.”</p>
		<p>O que são para si os valores éticos sociais e morais? No fundo é aquilo que eles estão a trabalhar em TEA.</p>	<p>“essencialmente a empatia pelo outro a solidariedade e tudo aquilo que acabei por dizer, a responsabilidade porque uma pessoa que e responsável por si própria acaba por ser responsável pelos outros também e pelas suas atitudes na sociedade também e a interajuda depois extravasa para fora da sala de aulas porque nos estamos habituados a ajudar alguém se viremos alguém em dificuldade nos vamos ajudar</p>

			também, porque já é uma aptidão que fica gravada como tudo da nossa vida não é, e eu penso que são os principais valores a interajuda a solidariedade a empatia.”
		Nesta perspectiva dos valores por exemplo, nota alguma diferença no comportamento dos alunos desde o início do ano letivo?	“(…) nota-se sempre uma grande diferença porque no início é... no início há sempre muita confusão, e se nos analisarmos depois esfriamento as coisas achamos que o que eles tiveram a fazer não.”  “(…) eles andavam a brincar e a conversar uns com os outros, e não ligavam, pronto, e conforme o tempo vai passando vai-se notando as

			diferenças e isso nota-se na confusão da sala de aulas, nota-se na organização deles nos trabalhos, nota-se na forma como trabalham em pares ou em grupo... sem gritaria e respeitando a vez de cada um e portanto... Ao longo do ano depois nota-se uma diferença muito grande”
Bloco E - A importância das relações Criança- Criança e adulto - Criança	Compreender a concepção da Coordenadora pedagógica em relação ao TEA, se esta reconhece contributo do TEA para fortalecimento da relação entre os pares e da relação com o professor	Acha que o facto de eles estarem em TEA, o estarem em trabalhar em grupo, as parcerias, mesmo até a parte individual em que eles até, pronto têm às vezes já até ter acabado os trabalhos e vão ajudar os outros, acha que isso, fortifica as relações entre eles, e mesmo com a própria professora	“Eu penso que sim, porque eles não veem o professor como nós víamos, que era o detentor da verdade e... pronto o que ele dizia era sagrado, eu penso que neste tipo de trabalho, nós somos mais um recurso que ele tem e se conseguirmos ter com eles uma relação emocional forte então as

			coisas ainda funcionam muito melhor.”
--	--	--	---------------------------------------

## 5.2. Análise dos discursos da Coordenadora Pedagógica e dos alunos

Ao analisarmos o discurso da Coordenadora Pedagógica do 1º ciclo do Ensino Básico, é possível constatar que tem 54 anos, é professora há 25 anos e está na instituição há nove, sendo há dois anos Coordenadora Pedagógica do 1º ciclo do Ensino Básico na instituição.

Refere que desde muito cedo que conhece o Movimento da Escola Moderna, visto que era o que a sua mãe, também professora seguia. Vinda de África onde se praticava esse modelo, ao chegar a Portugal teve muitas dificuldades em adaptar-se ao Modelo da Escola Tradicional.

Considera que o Movimento da escola Moderna com a sua vertente em TEA, foca-se nas necessidades e nas expectativas dos alunos. A organização dos espaços temáticos são negociados com os alunos, tendo em contas as necessidades dos mesmos. As necessidades desenvolvidas nestes espaços devem fazer sentido para os alunos e é importante que eles participem na construção dos mesmos. A TEA permite à professora atender às necessidades dos alunos individualmente.

Este processo não é estanque, está em constante avaliação, adaptação e evolução.

Os alunos devem interiorizar as regras de utilização do espaço.

Os alunos entrevistados têm entre 6 a 7 anos de idade, frequentam o 1º ano de escolaridade e quase todos frequentaram o pré-escolar na instituição, exceto um aluno que veio de fora.

No início do trabalho em TEA, os alunos entendiam estes espaços temáticos como um tempo de brincadeira, com o passar do tempo apropriaram-se do conceito. Começaram então a entender que estes eram espaços de trabalho autónomos se rege por regras e é extremamente organizado.

A grande questão de partida, “O tempo de estudo autónomo como forma de promoção dos valores em crianças no 1º ciclo do Ensino Básico” surgiram outras questões para complementar os nossos estudos.

- Perceber o conceito do TEA;
- Compreender se o TEA é importante na promoção dos valores;
- Perceber a importância do TEA no comportamento das crianças;
- Perceber se TEA pode contribuir para fortalecer a relação entre os pares e a relação com o professor.

O discurso da Coordenadora e dos alunos são coincidentes em todos os itens considerados importantes no trabalho em TEA; promoção de valores, autorregulação de comportamentos e na relação entre pares e com a professora, tal como podemos observar:

O conceito de TEA para a professora é: “A TEA para mim é essencialmente uma partilha de saberes, uma partilha de saberes, uma consciencialização de...das minhas próprias fragilidades, quais são as áreas que eu necessito de trabalhar, e como é relacionado com as aprendizagens, que eles acham que estão no início acham que estão a brincar”

Para os alunos: “É uma atividade que nós chamamos TEA e que é para nós fazermos trabalhos, tipo recortes e colagens outros trabalhos, parcerias, jogos de matemática, jogos de palavras e fazer escrita.” (Aluno D).

“Nós fazemos alguns trabalhos que também, trabalhos e estudos...” (Aluno A)

Compreender se o TEA é importante na promoção dos valores para a professora:”  
“(...) isto incute valores como a solidariedade a interajuda o saber estar no lugar do outro, porque o outro tem dificuldades nesta área mas eu tenho noutras também, portanto, eu sei como aquele colega se sente(...)

Para os alunos:” Eu digo que posso jogar, se o menino dizer que não eu vou fazer outra coisa, mas que ele dizer que sim, eu vou jogar, mas se tiver vazio e não tiver nenhum menino eu entro” (Aluno D).

“Eu pergunto que eu posso e se ele dizer não, eu faço um material que está disponível.” (Aluno A).

Perceber a importância do TEA no comportamento das crianças para professora:”  
conforme o tempo vai passando vai-se notando as diferenças e isso nota-se na confusão da sala de aulas, nota-se na organização deles nos trabalhos, nota-se na forma como trabalham em pares ou em grupo... sem gritaria e respeitando a vez de cada um e portanto... Ao longo do ano depois nota-se uma diferença muito grande”

Para os alunos: “Às vezes, escrevemos o que não gostei e depois nós partilhamos com a turma e depois fica resolvido” (Aluno D).

“se não dá para resolver, nós pedimos à professora, mas quando não dá para resolver com a professora, nós escrevemos no diário de turma, o que não gostei.” (Aluno A)

Perceber se TEA pode contribuir para fortalecer a relação entre os pares e a relação com o professor, para a professora: “Eu penso que sim, porque eles não veem o professor como nós víamos, que era o detentor da verdade e... pronto o que ele dizia era sagrado, eu penso que neste tipo de trabalho, nós somos mais um recurso que ele tem e se

conseguirmos ter com eles uma relação emocional forte então as coisas ainda funcionam muito melhor.”

Para os alunos:

“Sim” (Aluno D);

“Sim, eu gosto muito de estar com os meus amigos” (Aluno A)

### 5.3. Análise das notas de campo

Ao analisarmos as notas de campo tivemos em consideração os objetivos definidos da temática: O tempo de estudo autónomo como forma de promoção dos valores em crianças no 1º ciclo do Ensino Básico

Tabela 4 - Análise das notas de campo

<b>Objetivos</b>	<b>Observações- Notas de campo</b>
Perceber o conceito do TEA;	(...) no início havia muita confusão porque pensavam que estavam a brincar, visto que se tratava do 1º ano e tinham transitado há pouco tempo do pré-escolar para o primeiro ciclo. Ao decorrer o ano letivo começaram a perceber que TEA era um tempo destinado para trabalharem de forma autónoma.
Compreender se o TEA é importante na promoção dos valores;	(...) o movimento da Escola Modena já é em si um promotor do desenvolvimento dos valores, desta forma TEA está incluída nessa filosofia, portanto é uma grande potenciadora dos valores.  A responsabilidade que lhe é atribuída para serem cada vez mais autónomos nas suas autoaprendizagens, isso já está a contribuir para o para a promoção dos valores.
Perceber a importância do TEA no comportamento das crianças;	(...) O comportamento das crianças podemos observar a evolução do mesmo.  No início havia muita confusão e estavam sempre a solicitar a ajuda da professora ou quando esta estava

	<p>ocupada escreviam no diário de bordo. No entanto com o decorrer do tempo é notório uma autorregulação dos comportamentos, e desta forma conseguem trabalhar em grupo, a pares e até mesmo individualmente sem grandes constrangimentos.</p>
<p>Perceber se TEA pode contribuir para fortalecer a relação entre os pares e a relação com o professor.</p>	<p>(...) Como foi referido anteriormente de início havia muita confusão, mas ao longo do ano letivo os alunos começaram a conhecer-se melhor e a confiarem uns nos outros. TEA contribuiu para que as relações entre eles melhorassem, assim como com o professor, visto que tinham de partilhar os seus saberes e ao trabalharem em grupo ou a pares era uma excelente forma de fortalecerem essas relações. Em relação ao professor, também era notório porque este ficava livre para trabalhar com aqueles alunos que tinham mais dificuldades. A relação de aproximação era cada vez maior, uma vez que estes sentiam-se cada vez mais autónomos para desenvolver as suas aprendizagens. Estas relações basearam-se na confiança em relação ao aluno professor</p>

A transição entre ciclos, por vezes é bastante complexa, cheio de emoções e sentimentos que provocam alguma ansiedade aos alunos, além disso é necessário que haja uma adaptação ao novo contexto, neste caso: às rotinas, aos novos colegas e aquisição de novas regras e aprendizagens. Daí que surgem algumas confusões no início das aulas, uma vez que os alunos sentem-se confusos e um pouco desorganizados. Nas Notas de

Campo podemos ler “no início havia muita confusão porque pensavam que estavam a brincar, visto que se travava do 1º ano e tinham transitado há pouco tempo do pré-escolar para o primeiro ciclo.”

Inicialmente, o TEA representava um momento de descontração e de brincadeiras, pois ainda não tinham se apropriado do conceito. No entanto, com avançar do tempo perceberam que o Tempo de Estudo Autónomo era muito importante nas suas aprendizagens, uma vez que estes eram os gestores do seu percurso educativo. Para Moura (2005),

O processo de ensino-aprendizagem, como uma forma de organizar a experiência dos alunos no tempo, pode ser feito de várias formas. (...) A diferentes modos de organizar o tempo escolar dos alunos correspondem diferentes conceitos de tempo escolar, com diferentes implicações pedagógicas e ideológicas” (p.117).

Desta forma, era dado a oportunidade aos discentes para trabalharem de forma autónoma, quer seja individualmente, a pares ou em grupo. Assim, fortaleciam as relações entre eles ao partilharem os seus saberes, os seus materiais, a entreatajuda, a solidariedade. Percebemos que o grupo estava mais coeso.

Podemos constatar nas notas de campo que “a responsabilidade que lhe é atribuída para serem cada vez mais autónomos nas suas autoaprendizagens, isso já está a contribuir para o para a promoção dos valores.”

Ao lermos as notas de campo, podemos encontrar algumas evidencias em relação ao desenvolvimento das relações entre professor e aluno e também aluno e aluno.

“Em relação ao professor, também era notório porque este ficava livre para trabalhar com aqueles alunos que tinham mais dificuldades. A relação de aproximação era cada vez maior, uma vez que estes sentiam-se cada vez mais autónomos para desenvolver as suas aprendizagens. Estas relações basearam-se na confiança em relação ao aluno professor”

## 6 - Considerações finais

Ao terminar a presente investigação é importante fazer uma reflexão sobre a mesma.

Durante o nosso percurso académico deparamo-nos com vários modelos Pedagógicos, o que nos levou investigar para depois refletir sobre aquele ou aqueles com que mais nos identificava. “O modelo curricular define-se como uma reprodução ideal de princípios teóricos, políticos, administrativos e componentes pedagógicas de um programa reservado a obter determinado resultado educativo”. Spodeck e Brown (1996 cit in Cardona, 2008)

Neste último estágio a instituição rege-se pelo o movimento da escola moderna (MEM). De acordo com Niza (2012), o MEM foi criado a partir da Escola Nova em oposição às concepções tradicionais de ensino.

Percebemos que este movimento era diferente dos outros modelos que já tínhamos experienciado. Este baseia-se em princípios democráticos, éticos, de participação e de cooperação. Ou seja, envolve a criança no processo de aprendizagem, oferecendo-lhe a oportunidade de poder planear, estruturar as tarefas e atividades de forma autónoma, estimulando a criatividade, partilhando ideias e opiniões e incentivando o trabalho em grupo, parcerias e até mesmo o trabalho individual. Desta forma o aluno é o principal ator de toda aprendizagem.

Segundo Folque, M. (1999), os educadores/professores das turmas MEM têm um papel activo. São agentes cívicos e morais num contexto de vida democrática. O papel do professor é promover uma organização participativa, a cooperação e a cidadania democrática, ouvindo e encorajando a liberdade de expressão, as atitudes críticas, a autonomia e a responsabilidade.

O tempo de Estudo autónomo faz parta da filosofia de aprendizagem do MEM, por conseguinte quisemos perceber o papel do tempo de estudo autónomo como forma de promoção dos valores em crianças no 1º ciclo do ensino básico.

Utilizámos vários instrumentos de recolha de dados: observação, diário de bordo, conversa informais e recolha documental. Posto isto, ao analisar todos os dados recolhidos podemos constatar a importância do TEA no contributo do processo de desenvolvimento das aprendizagens dos alunos e também na autonomia. Se pensarmos desta forma, por si só, a autonomia já é impulsionadora na promoção dos valores sejam eles éticos, morais ou sociais.

O Aluno compreende que é na escola que “ele deve fazer a aprendizagem da autonomia, da cooperação, da solidariedade e da participação. São estas novas aprendizagens que lhe dão o estatuto de agente da sua aprendizagem e conseqüentemente o projetam como verdadeiro ator social” (Monteiro, 1999, p.45)

Podemos afirmar que esta é uma autonomia cooperada, e só pode ser possível se o aluno e o professor respeitarem a individualidade de cada um. Respeitar os ritmos das aprendizagens, as escolhas dos outros, ouvir e aceitar as opiniões, ou seja, a autonomia acresce ao aluno ser responsável por si e pelos outros.

De acordo com Monteiro (1999):

A educação para a autonomia exige, pois, o respeito pela individualização e personalização do indivíduo; a autonomia é um projecto de criação individual. O projeto da autonomia só se torna viável, quando o indivíduo se reconhecer nos objetivos que ele próprio cria e constrói, os únicos capazes de o dignificar como sujeito ativo de uma comunidade de que faz parte. (p. 33)

O aluno ao ser autónomo, possibilita ao professor ter um papel de facilitador nas diferentes etapas da aprendizagem. Os alunos participam na aprendizagem coletiva e auxiliam-se mutuamente. Segundo Meirieu (2007), ser autónomo: “É ser capaz de atribuir-se um objectivo, de congregar os meios para lá chegar e de avaliar o resultado. É também ser capaz de organizar o seu trabalho, de reunir todos os instrumentos necessários, preparar a sua “mesa” de trabalho

Para além disso, a planificação semanal, todos os dias da semana durante uma hora, os alunos têm o Tempo de Estudo Autónomo (TEA), que promove a sua participação de forma a serem protagonistas do seu próprio conhecimento.

A sala deverá ser um lugar de estímulo e de motivação, de forma a potenciar as capacidades de todos alunos. O processo de aprendizagem implica também que as crianças compreendam como o espaço está organizado e como pode ser utilizado.

(Zabalza, 1998, p. 262) afirma que: Seja qual for a organização da sala (...) será preciso que os espaços estejam dispostos em função das necessidades das crianças, tornando possível, junto à sua actividade autónoma, a acção compartilhada em grupo. De qualquer forma, o professor deve ter consciência de que uma determinada estrutura da sala favorece determinadas actividades (p. 262)

Segundo a observação, os espaços temáticos em TEA foram concebidos e regulamentados pela turma e pela professora. Este trabalho colaborativo, autoavaliação dos espaços, a sua evolução, e transformação são de suma importância.

“É importante que as próprias crianças participem nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. O conhecimento do espaço, dos materiais e das atividades, é também, condição de autonomia da criança e do grupo.” SILVA (1997, p.

Perante este estudo compreendemos que a relação professor/ alunos necessita de atenção e de afeto e também é importante que o docente valorize a opinião dos estudantes, proporcionando experiências de aprendizagem diversificadas e positivas.

Consideramos que na formação inicial, todos os discentes, futuros professores deveriam ter acesso a diferentes métodos de ensino como por exemplo o MEM e a sua filosofia de trabalho.

Ao sermos expostos a uma realidade desconhecida desenvolvemos diferentes competências e aprendizagens. Sentimos como que um turbilhão de ideias e emoções ao colocar uma ordem nesse tumulto, percebemos que este é o caminho a seguirmos. Uma vez que é um privilégio fazer parte/ ajudar na formação integral dos alunos.

Consideramos os objetivos propostos a partir da grande questão “O tempo de estudo autónomo como forma de promoção dos valores em crianças no 1º ciclo do Ensino Básico”:

- Perceber o conceito do TEA;
- Compreender se o TEA é importante na promoção dos valores;
- Perceber a importância do TEA no comportamento das crianças;
- Perceber se TEA pode contribuir para fortalecer a relação entre os pares e a relação com o professor.

Estes foram corroboradas nas respostas dadas pelos alunos e pela professora, assim com análise documental. Então resta-nos responder de uma forma clara e objetiva que TEA é uma forma de promover os valores em crianças do primeiro ciclo.

Futuramente gostaria de aprofundar a filosofia de trabalho do movimento da escola Moderna, para colocar em prática no meu contexto profissional.

## 7 – Bibliografia

- ABRANTES, P. (2002). Reorganização Curricular do Ensino Básico - Novas Áreas Curriculares.
- AIRES, L. (2011). Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional.
- ALONSO, L. G. & ROLDÃO, M. C. (Coords.) (2005). Ser Professor do 1.º Ciclo: Construindo a Profissão.
- ALTET, Marguerite. (1997). As Pedagogias da Aprendizagem. Coleção Horizontes Pedagógicos.
- ARENDS, Richard (1995) Aprender a Ensinar.
- AZEVEDO, F. (2011). Poder, desejo, utopia, estudos em Literatura Infantil e Juvenil.
- BARDIN, L. (2011). Análise de conteúdo.
- BADDLEY A. D., Anderson, M. C., & Eysenck, M. W. (2011). Memória.
- BANDURA, A. (2008). A teoria social cognitiva.
- BATALHA, p.Ana (2004). Metodologias do Ensino da Dança :Faculdade de Motricidade Humana:
- BATESON Gregory; Changeux, Jean-Pierre, Godelier, Maurice, Inhelder, Bärbel, Jacob, François. (1987). Teorias da Linguagem Teorias da aprendizagem.
- BEAN, A. J. (2003). Currículo sem Fronteiras. Integração curricular: a essência de uma escola democrática, 91-110.
- BERTRAND, Yves. (2001). Teorias Contemporâneas da Educação., Coleção Horizontes Pedagógicos
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. (2003). Investigação Qualitativa em Educação, uma introdução à teoria e aos métodos.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista.
- CAVACO, C. (2002). Aprender fora da escola. Percursos de Formação Experiencial.
- CERVERA, J. (1992). Teoria de La Literatura Infantil.
- COUTINHO, C., & FONTE, C. (2006). Implementação de um site para o ensino de crianças com dificuldades de aprendizagem: o método das 28 palavras.

- CURY, Augusto. (2005). Pais brilhantes, professores fascinantes – Como formar jovens felizes e inteligentes,
- ERIKSON, Erik. (1997). Sociedad y Adolescência.: Siglo XXI, Coleção História.
- ESTRELA, A. (1994). Teoria e prática de observação de classes. Uma Estratégia de Formação de Professores.
- DELORS, J. (2001). Educação: Um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI
- Delors, J. (coord.) (1996). Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. xxi.
- DOHME, V. (2011) Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história.
- DEWEY, J. (2001). Democracia y educación (4ª ed.). Madrid: Ediciones Morata
- FORMOSINHO, Júlia e Outras Org. (2007). Pedagogias da Infância.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (2009). Desenvolvimento Profissional de Professores. In J. Oliveira-Formosinho, Formação de Professores (pp. 221-284).
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. F. (2008). Prefácio: A investigação-acção e a construção de conhecimento profissional relevante.
- FONSECA, J. (2005). Educação e valores, que relação? Arquipélago – Ciências da Educação, 6, 107-127
- Fonseca, J. (2011). A cidadania como projecto educacional: uma -abordagem reflexiva e reconstrutiva.;
- FREIRE, Paulo. (1996) Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.
- FREIRE, Paulo. (1979). Educação como Prática da Liberdade
- FREUD, S. (1905). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade.:
- GARCIA, Walter Esteves. (1977) Educação: visão teórica e prática pedagógica.
- GARDNER, H. (1995). Inteligências Múltiplas: a Teoria na Prática.
- GOERGEM, P. (2005). Educação e valores no mundo contemporâneo.
- GOERGEM, P. (2005). Educação e Valores no Mundo Contemporâneo. pp. 983-1011.
- HOHMANN, Banet, B, Weikart, D. (1995). A Criança em Acção.
- LOURENÇO, Orlando M. (2002). Psicologia de Desenvolvimento Moral – Teoria, Dados e Implicações. (3ª ed.).

- MAGRO, A.N.; TREVISOL, M.T.C (2014). Escola, família e a construção de valores: um estudo a partir da ótica de pais e profissionais da educação. Revista Leopoldianum, ano 40, n.110/112, p.37-49.
- MÁXIMO-ESTEVEZ, L. (2008). Visão Panorâmica da Investigação-Ação.
- MEDEIROS, E. O. (2006). Educar, Comunicar e Ser.
- MENIN, M. S. S. Desenvolvimento Moral. In: MACEDO, L. (1996). (org.). Cinco estudos de educação moral. 2. ed., 1930/1994, p. 37-105
- MINISTERIO DA EDUCAÇÃO (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.
- NIZA, S. (2007). O consi de educação pré-escolar da escola moderna portuguesa.
- MONTEIRO, J. M. M. (1999). Para uma pedagogia da autonomia – contributos do pensamento de Carl Rogers
- MONTEIRO, M. I. R. (2013). Memória e aprendizagem na escola inclusiva. Escola Superior de Educação João de Deus
- MOURA, Ana (2005). Estudo do Tempo Escolar na Escola Primária: Tempo de Escola e Tempo de Vida. Tese de Doutoramento Não Publicada
- NODDINGS, N. Aims, goals and objectives. Encounters on Education. no. 8, p. 7- 15, 2007.
- NÓVOA, A. (1992). Os professores e a sua formação.
- PAPALAIÁ, E.D.; W. OLDS, SALLY; FELDMAN, D., RUTH (2001). O mundo da criança: McGraw-Hill.
- PIAGET, J. (1971). A epistemologia genética.
- PIAGET J. (1977). O desenvolvimento do pensamento – Equilibração das estruturas cognitivas.
- PIAGET, J. (1983). Seis estudos de psicologia.
- PIAGET J. (1986). O Nascimento da Inteligência na Criança.
- PIAGET, J. Seis estudos de psicologia, 1989.
- POCINHO, M. D. (2007). A Música na Relação Mãe-Bebé (2 ed.).
- PONTE, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Ed.), refletir e Investigar sobre a Prática Profissional. Lisboa: APM, pp. 5-28.
- QUINTAS, F., & CASTANO, M. (1998). Construir la Animación Sociocultural. Amarú
- RAMOS, A.M. & Silva, S.R. (s/d). Ler para crescer: Como fazer dos meus filhos leitores?

- REBOUL, O. (1971). La philosophie de l'éducation.:. Casa da Leitura. pp. 1-8.
- RENNIE, L. J. (2007). Learning science outside of school. In N. Lederman & S. Abel (Eds.), Handbook of Research on Science Education (pp. 125-167).
- RESENDES, L. & Soares. (2002). Diferenciação Pedagógica.
- ROLDÃO, M. (1999). Os Professores e a Gestão do Currículo – Perspectivas e Práticas em Análise.
- SANTANA, I. (2006). O Plano Individual de Trabalho como instrumento de pilotagem das aprendizagens no 1º CEB. Escola Moderna nº5, 24
- SARMENTO, M. J. (Org). Autonomia da escola: políticas e práticas, pp. 126-167.
- SARMENTO, P. (1991). Observação na formação. Revista Horizonte, VII, 41, 167-174.
- SILVA, I. (1997). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Departamento de Educação Básica, Nucleo de Educação Pré- Escolar
- SOPDEK, B e SARACHO, O: (1998). Ensinando crianças dos 3 aos 8 anos.
- SOUSA.B.A. (2003). Educação pela arte e Artes na educação. Drama e Dança.
- TOGNETTA, L.R.P.; VINHA, T.P. Valores em crise: o que nos causa indignação? In: La Taille, Y.; Menin, M.S.S. (Org.). Crise de valores ou valores em crise? p.15-45
- TURATO, E. (2003). Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas.
- WIERTSEMA.HUMBERTA(2001).100 Jogos de Movimentos.
- WEIKART, David P., Hohmann, Mary (2003). Educar a Criança,
- VERDERI, E. B. L.P. (2000). Dança na escola., 2a edição
- ZABALAZA, M. A (1998). Qualidade em educação infantil: trad. Beatriz Affonso neves.
- ZABALAZA.M: A (1992) Didática da Educação infantil.

## **7.1 Webgrafia**

- Almeida, J.C. (2007). Antropologia da Solidariedade. Notaum dum 14 <http://www.hottopos.com> CEMOrOC-Feusp / IJI – Univ. do Porto – Acedido a 16 de junho de 2020 em [hottopos.com/notand14/joao.pdf](http://www.hottopos.com/notand14/joao.pdf);

DEWEY, J.,(2009) a consciência Moral

<http://paxprofundis.org/livros/johndewey/johndewey.htm>

acedida em 11/01/2021 às 10.40m

<http://gai.espsj.edu.pt/wp-content/uploads/2014/10/Gabinete-de-Inclusão-e-Cidadania.pdf>

Acedida a 12/12/2020 às 11.25m

Freire, Paulo,

[http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4%20Freire\\_P\\_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf](http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf)

Acedida a 10/06/2021 às 15.23m

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/orientacoes\\_curriculares\\_pre\\_e\\_scolar.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/orientacoes_curriculares_pre_e_scolar.pdf) Acedida a 10/01/2021 às 15.24 m

Meirieu, P. (2007). Autonomie (J. Pinto, Trad) Recuperado de [www.meirieu.com](http://www.meirieu.com)

Pimenta e Lima(2004) a pratica de ensino supervisionada

[https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/32593/1/Poster\\_articular\\_investigação%20Santarem%20final.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/32593/1/Poster_articular_investigação%20Santarem%20final.pdf) acedida em 21/03/2023

Torres Triana, os valores morais (2009)

<https://doaj.org/article/8b29e3d6a07543e9abd84ff26fbc8f91>

## **7.2 Legislação Consultada**

Decreto-Lei 4/97 de 10 de fevereiro. Lei Quadro da Educação Pré-Escolar- consagra o ordenamento jurídico da educação pré-escolar, na sequência da Lei de Bases do Sistema Educativo. Diário da República nº34/1997 I-Série A: Ministério da Educação.

Escola inclusiva <https://www.dge.mec.pt/noticias/decreto-lei-no-542018-educacao-inclusiva12/05/2023>

## Anexos

### Anexos A - Declaração de autorização de depósito no repositório comum



Instituto  
PIAGET

#### ANEXO I

#### DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPÓSITO NO REPOSITÓRIO COMUM Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto

Considerando que a legislação em vigor referente ao depósito legal de dissertações e teses - artigo 50.º, do Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, obriga ao depósito de uma cópia digital das teses e outros trabalhos de doutoramento e das dissertações de mestrado num repositório integrante da rede RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, o(a)

Maria Joaquina Bonacho Antunes

Portador do Cartão de Cidadão n.º 09309943

Autor do Trabalho de Projeto / Relatório Final / Dissertação de Mestrado

Intitulado/a: o tempo de estado autónomo como forma de promoção dos valores  
Concluído/a em 31/05/2023 em circunstâncias do exercício do ensino Básico - caso de estado.

Declara, sob compromisso de honra, que:

1. O Trabalho de Projeto / Relatório final / Dissertação entregue e que conduziu à atribuição do grau é um trabalho original e detenho todos os direitos de autor;
2. Concedo ao Instituto Piaget, entidade instituidora da Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada, uma licença não-exclusiva para a/o arquivar e tornar acessível em formato digital no Repositório Comum, ou em qualquer outro repositório que a Instituição venha a utilizar, com o seguinte estatuto:

Acesso aberto

Acesso restrito

Acesso fechado

Acesso Embargado<sup>1</sup>  até  / /

Email: mbonacho@gmail.com Contacto tlf: 910135459

Data: 30/05/2023

Assinatura: M. J. Antunes

<sup>1</sup>Após a data indicada, o documento fica disponível em Acesso Aberto.

## Anexos B - Licença de distribuição não exclusiva-repositório comum



### ANEXO II

#### LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA – REPOSITÓRIO COMUM

Ao depositar no Repositório Comum, os autores devem concordar com a seguinte licença de utilização:

##### LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

Ao depositar um documento no Repositório Comum, o/a Sr./Sra.:

Maria Joaquina Bonacho Antunes

- a) Concede à FCCN o direito não-exclusivo de reproduzir, converter (como definido em baixo), disponibilizar, comunicar e/ou distribuir o documento entregue (incluindo o resumo/abstract) em formato digital, no quadro e para os fins e objetivos do projeto RCAAP.
- b) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder à FCCN os direitos referidos na alínea anterior ou que obteve do respetivo titular as necessárias permissões para essa concessão.
- c) Declara que a concessão à FCCN dos direitos referidos na alínea a), não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade e que o conteúdo do documento disponibilizado não viola direitos de terceiros.
- d) Declara acautelar que os documentos por si disponibilizados não contêm informações sigilosas ou confidenciais relativas à sua atividade educativa ou profissional, nomeadamente em termos de marcas, patentes ou segredos industriais ainda não registados ou atribuídos pelas entidades competentes.
- e) Declara que os documentos contêm todas as referências bibliográficas, editoriais, e a referência aos respetivos programas financiadores e apoios institucionais (se aplicável).

A FCCN identificará claramente o(s) autor(es) do documento entregue, e não fará qualquer alteração, para além das permitidas por esta licença.

O autor pode solicitar que o seu documento seja retirado do Repositório Comum.

Data: 30/05/2023

Assinatura: M. Antunes

# Apêndices

## Planificação Semanal

### B. Plano Semanal Pintassilgos

HORARIO	2ª feira - 21/11	3ª feira - 22/11	4ª feira - 23/11	5ª feira - 24/11	6ª feira - 25/11
09:00 - 09:30	Tarefas de sala	Tarefas / Registos +História do dia/Ler, contar e mostrar	Tarefas / Registos +História do dia/Ler, contar e mostrar	Tarefas / Registos +História do dia/Ler, contar e mostrar	Música
09:30 - 10:00	Continuação do conselho: Diário de turma	Jogos no quadro de pregas	Desafio do dia	Desafio do dia	
10:00 - 10:30	Lanche				
10:30 - 11:00	Momento de escrita	Exploração de texto	Matemática coletiva	Exploração de texto	Matemática coletiva
11:00 - 11:30	TEA				
11:30 - 12:00	Almoço				
12:00 - 13:00	TEA	Resolução de problemas	TEA	Artes visuais / Teatro: exploração da história "O Colete Branco"	TEA +Organização da sala
13:00 - 13:30	EM / Ciências: O que é água pura? Elementos que se dissolvem na água.				
13:30 - 14:00	TEA +Organização da sala	Inglês	TEA +Organização da sala	Conselho de turma: Avaliação de tarefas +Diário de turma	
14:00 - 15:00					Organização da sala
15:00 - 15:30	Ler, contar e mostrar (TPC) / História	Lanche			Organização da sala Ler, contar e mostrar (TPC) / História
15:30 - 16:00	Lanche		EM / Projetos(*)	Lanche	
16:00 - 16:30	Ler, contar e mostrar, incluindo TPC / História do dia	Ed. Física		Ed. Física	Dança
16:30 - 17:00	Organização da sala Ler, contar e mostrar (TPC) / História				

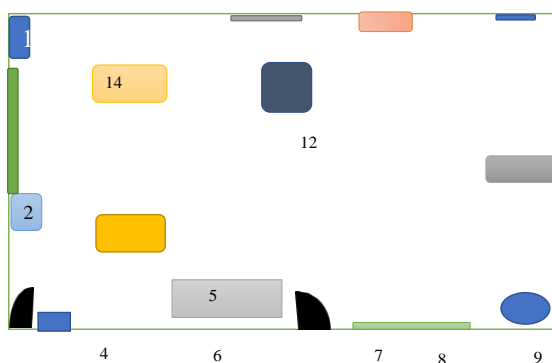
Apêndice 1 - Planificação Semanal

## Planta da Sala

Planta da sala 17

18  
19

13



Legenda da planta:

- 1- Área da casinha;
- 2- Área do imaginário;
- 3,7-Portas;

**Exemplos de registos de observações/notas de campo no contexto do 1º ano do 1º ciclo do Ensino Básico relativamente no momento de TEA**

<b>Contexto do 1º ano</b>	
<b>Data</b>	<b>Observações / notas de campo</b>
<b>28-10-2022</b>	<p>No TEA, o M ficou a acabar o exercício de matemática, mas estava com muitas dificuldades em compreendê-lo. Este sentiu-se frustrado e começou a chorar. Queria ir para casa. A M. percebeu que ele precisava de ajuda e foi ajudá-lo a resolver o problema. O M. acalmou e parou de chorar.</p>
<b>4 /11/2022</b>	<p>No momento de TEA, a professora J e a professora I (Coordenadora Pedagógica) estiveram com alguns alunos a corrigirem os TPCS.</p> <p>Os outros alunos estavam a fazer outros trabalhos.</p>
<b>14/11/2022</b>	<p>Durante a rotina da manhã na segunda-feira a professora explicou que no TEA podiam fazer parcerias.</p> <p>Explicou o conceito de parcerias e que atividades podiam desenvolver. Deu-lhe alguns minutos para pensarem se queriam fazer ou não e com quem.</p> <p>Alguns alunos ficaram entusiasmados e fizeram as parcerias, outros não se interessaram.</p> <p>A professora não insistiu.</p> <p>As parcerias começavam na segunda-feira e na sexta-feira faziam uma avaliação.</p>

	<p>Quem tivesse acabado, iniciava outra pareceria com outro aluno, quem não acabasse continuavam.</p> <p>As produções resultantes das parcerias iam para uma caixa e eram pospostas para partilharem uns com os outros no “Ler, mostrar e Contar”</p>
<b>21-11-2022</b>	<p>Na rotina da manhã, foi abordado as parcerias e fizeram-se novas. Os alunos que não tinham feito na semana anterior quiseram fazer nesta semana. Já colaboraram e quase todos já tinham escolhido os seus parceiros.</p> <p>No TEA gerou-se alguma confusão porque não chegavam a um acordo daquilo que queriam fazer. Algumas vezes a professora teve que intervir para que todos colaborassem uns com os outros.</p> <p>Alguns alunos ficaram a acabar os trabalhos que tinham começado, como por exemplo: Desenhos e os trabalhos que tinham estado a fazer no tempo anterior.</p> <p>A professora trouxe várias caixas e identificou-as e colocou-as em cada mesa. Quando os trabalhos que tinham iniciado no TEA estivessem por acabar, colocavam-nos dentro da caixa para não se perderem.</p>
<b>23-11-2022</b>	<p>A professora trouxe uma máquina de escrever para TEA. Esta ficou no cantinho da escrita. Os alunos ficaram</p>

	<p>entusiasmados porque nunca tinham visto uma máquina.</p> <p>Todos quiseram experimentar, então tiveram que fazer algumas regras para que não houvesse desentendimentos. Com a ajuda da professora definiram o tempo que cada um podia estar a manusear a máquina e se iam e a pares ou individualmente.</p>
<b>5-12-2022</b>	<p>Iniciaram os preparativos para o Natal.</p> <p>Em parcerias foi delegado pela professora algumas tarefas relativamente a esta temática. Todos colaboraram e partilhavam os seus materiais.</p>
<b>12-12-2022</b>	<p>Os preparativos para o Natal continuaram e os alunos trabalhavam com entusiasmo porque a festa era no dia 16 de dezembro.</p> <p>A professora e coordenadora faziam avaliações aos alunos porque estava a aproximar-se o fim do período letivo.</p>
<b>16-1-2023</b>	<p>A professora apresentou o PIT aos alunos e explicou-lhes como deviam preenchê-lo.</p> <p>Neste dia houve alguma desorganização no preenchimento, mas ficou esclarecida no final do TEA quando fizeram a avaliação.</p>
<b>29-1-2023</b>	<p>Estava-se a aproximar o fim do estágio, e neste dia ficamos mais atentos ao que se passava no TEA.</p>

	<p>Já tinham passado quatro meses desde que iniciamos o estágio. Pudemos observar que os alunos já tinham interiorizado o conceito do TEA e do PIT. Ajudavam-se, partilhavam os seus materiais e não interrompiam tanto a professora. Havia alguns alunos que demonstravam muitas dificuldades e estes ficavam a trabalhar com a mesma a ou com a Coordenadora.</p> <p>Por vezes havia desentendimentos entre eles, mas depressa chegavam a um acordo. Estavam cada vez mais autónomos e faziam excelentes trabalhos, como: livros de histórias, inventavam problemas de matemática para partilharem com a turma, pinturas, entre outras coisas.</p> <p>A relação entre eles estava mais coesa, visto que já se conheciam melhor. Com a professora, percebemos que esta não reclamava tanto e tinha mais tempo para ajudar os alunos, uma vez que não estava sempre a ser interrompida.</p>
--	---

### **Análise das notas de campo**

Analisando as notas de campo, podemos concluir que a organização destes espaços temáticos, bem como da sua utilização são da responsabilidade do grupo turma em concordância com a professora titular. Verifica-se também que todas as produções efetuadas durante o trabalho em TEA são utilizadas no trabalho em grande grupo.

Apercebemo-nos que necessitaram de tempo para interiorizar esta forma de trabalhar. No início, necessitavam da constante orientação da professora, pois entendiam este espaço como “hora de brincar”, com o decorrer do tempo, os alunos apropriaram-se

das regras e dos recursos disponíveis realizando produções muito pertinentes, que originaram trabalhos dignos de exposição.

Os espaços temáticos são: a biblioteca, a área da escrita, a área da matemática, a área da pintura, área das ciências, com material variado. Estes materiais podem ser não estruturados, didáticos estruturados e tecnológicos.

Por vezes surgem sugestões (Diário de Turma) de alterações em determinado espaço. O assunto é discutido, analisado e avaliado na assembleia de turma e procede às alterações ou adaptações necessárias

Tabela 5 - Síntese reflexiva emergente

Objetivos	Análise da entrevista da coordenadora e dos alunos	Análise das notas de campo	Projeto Educativo da Instituição
TEA - Conceito	<p>Para iniciar o processo de organização do espaço da sala de aula, é a professora que explica o conceito de TEA.</p> <p>No princípio do trabalho em TEA, os alunos entendiam estes espaços temáticos como um tempo de brincadeira, com o passar do tempo apropriaram-se do conceito.</p>	<p>A organização do espaço e dos materiais de cada área é da responsabilidade da professora e dos alunos</p>	<p>Os alunos participam na organização e gestão do espaço, sendo este sentido como delas e define-se como mais um fator responsável pelo sucesso educativo desejado</p>
Promoção de valores em TEA	<p>A professora refere que é a construção conjunta de cada espaço e a elaboração das regras de utilização estabelecidas permitem uma maior autonomia do aluno.</p> <p>São momentos de partilha de</p>	<p>No Princípio os alunos não reconhecem nesta forma de trabalhar a importância que tem. Entendem-no como um período de brincadeira.</p> <p>Conforme vão ganhando autonomia e ao apropriarem-se dos recursos começam a</p>	<p>É no respeito pelos valores matriciais que ancora a vida quotidiana de toda comunidade escolar, a interação com o outro e com o meio envolvente. Importa, pois, pensar na forma como estes valores se espelham nas atitudes e comportamentos de todos os intervenientes no processo educativo.</p>

	<p>conhecimentos, de entreajuda, respeito pelo próximo</p> <p>Aprendem também a respeitar os materiais que são coletivos e a deixar o espaço devidamente organizado para os colegas que vêm a seguir.</p> <p>Os alunos referem que estes momentos em grupo ou a pares são do seu agrado, uma vez que “o que eu não sei, os outros sabem e vice-versa”.</p> <p>Apercebemo-nos que necessitaram de tempo para interiorizar esta forma de trabalhar. No início, necessitavam da constante orientação da professora, pois entendiam este espaço como “hora de brincar”, com o decorrer do tempo, os alunos apropriaram-se das regras e dos recursos disponíveis realizando produções muito pertinentes, que originaram trabalhos dignos de exposição.</p>	<p>respeitar as regras e o seu semelhante.</p>	
--	---	--	--

	Começou a existir uma relação mais coesa entre eles.		
A importância do TEA no comportamento das crianças	<p>Primeiramente a professora, necessitava de orientar, constantemente, os alunos e corrigir comportamentos.</p> <p>Para se atingir a autorregulação há processos, tais como: a mediação e correção de outras pessoas, especialmente nos adultos.</p> <p>Após a apropriação do conceito do trabalho em TEA, os alunos começaram a autorregular os seus comportamentos.</p>	Como deixam de necessitar de correção a professora fica mais livre para desempenhar outras funções.	Tempo de estudo autónomo gerido em função das necessidades de cada criança.
As relações entre pares e a professora	No decorrer da entrevista e observação em contexto de sala de aula, é notória a aproximação emocional entre professora / alunos, alunos/ alunos	As relações entre pares são essenciais para aquisição de competências e a interação no grupo é facilitadora de aprendizagens significativas.	<p>Comunicação estreita Professor/Aluno.</p> <p>Implementação de instrumentos reguladores da relação Colégio/Aluno.</p>

### **Síntese reflexiva emergente**

Ao recolhermos todos os dados, tentamos perceber se estes se complementam ou divergem, no sentido de fazer uma reflexão.

O tempo de estudo é indispensável no Movimento da Escola Moderna, visto que o professor consegue que o estudante aprenda a estudar, a ser autónomo e cooperante, desenvolvendo desta forma um ambiente afetivo entre os dois, gerando certas condições para que os discentes aprendam a respeitar o trabalho dos outros e assim o docente consegue ajudar individualmente outros alunos que tenham algumas dificuldades. Este tempo “destina-se ao treino de capacidades e competências curriculares, ao estudo, à escrita de textos e a leituras, à escola dos alunos e ao apoio do professor aos alunos que manifestam dificuldades em qualquer área do programa” (Correia, 2014, p.8).

Desta forma, ao observar na tabela, para podermos fazer uma comparação com todos os dados recolhidos ao longo da presente investigação e percebemos que todos eles são coincidentes, quer nas entrevistas, quer nas notas de campo, quer no Projeto Educativo.

### **Transcrição da Entrevista**

Dados da Entrevista à Coordenadora:

Nome: I

Idade: 54

E: Boa noite já é um bocadinho tarde...

P: Boa noite...

E: Mas tamos aqui a iniciar a nossa entrevista, gostava de saber que idade é que tem?

P: 54

E: Quantos anos tem de experiência?

P: 25

E: Qual é o seu percurso académico?

P: Eu fiz a licenciatura em primeiro ciclo, fui a primeira leva a sair com a licenciatura em primeiro ciclo só, e mais tarde fiz uma pós-graduação em psicologia do desenvolvimento sensorial e cognitivo.

E: Muito bem, pronto eu, sabe qual é o propósito desta entrevista?

P: Sim

E: Que é para o que... eu vou ler aquilo que tenho, para mim é mais fácil, em primeiro lugar quero agradecer -lhe a sua colaboração nesta entrevista, visto que esta será muito importante para o meu trabalho de investigação para a parte do meu relatório final, no sentido concluir o mestrado em educação pré escolar e primeiro ciclo do ensino básico. O tema é o tempo de estudo autónomo como forma de promoção dos valores em crianças do primeiro ciclo do ensino básico. gostaria também de lhe informar que todos os dados... são recolhidos, são confidenciais e queria também ter a sua autorização para poder gravar esta entrevista.

P: Está autorizada.

E: Obrigada, então vamos iniciar. Então sendo assim já me falou um pouco do seu percurso académico, pode explicar mais um pouco, até... até quando chegou aqui ao colégio para saber um bocadinho para trás e agora depois como é que chegou aqui.

P: Pronto, para eu comecei na... no ensino público e depois a instabilidade dos concursos e o facto de nunca sabermos onde vamos estar, eu optei pelo ensino privado, porque assim sei a onde é que estou e posso organizar a minha vida e a minha vida familiar também, a minha vida profissional e familiar.

E: Ok, Há quantos anos é professora já o disse, mas só para...

P: 25

E: 25, uma vida. Há quanto tempo trabalha nesta instituição.

P: Há cerca de 9 anos.

E: ok já está...

P: O tempo passa depressa.

E: Pois é, pois, é...estou a ver e gosta de trabalhar nesta instituição?

P: Gosto.

E: E porque?

P: Gosto porque... se enquadra na minha filosofia de... na minha filosofia profissional, na forma como eu gosto de trabalhar com os alunos e nem sempre tive essa abertura.

E: E sendo assim qual é que o modelo que segue, pronto sabemos que a instituição...

P: Eu sigo, e eu sigo o modelo da instituição.

E: Há ok, e qual é? (Risos).

P: É o mesmo.

E: Há ok e... porque, porque é que segue este...este movimento?

P: Eu sigo este movimento porque... se calhar porque... fui um bocado influenciada também pela minha mãe, pronto a minha mãe também foi professora... durante 33 anos e era a forma como ela trabalhava. Eu em criança também como vim de África, também fui preparada para trabalhar desta forma e foi uma coisa que... me dificultou os primeiros anos da minha... escolaridade foi, eu vir preparada de pré escolar, porque a pré primária como...como se chamava nessa altura para trabalhar de determinada maneira e cheguei aqui e o ensino era muito tradicional e isso foi o choque muito grande para mim!

E: Muito bem... então sendo assim qual é que...teve esse choque então, sendo assim quais são as eram as características desse modelo que depois acabou por se habituar a este modelo, ou nunca se habitou por exemplo ao modelo tradicional, como é que foi este, as características...

P: O meu... o meu primeiro ano de escolaridade...na altura era a primeira classe foi muito complicada, porque eu vinha preparada para fixar , para decorar... palavras, textos e depois cheguei aqui eu tinha que saber o nome das letras e tinha que as saber juntar, então eu lia os textos que a professora mandava ler em casa, fixava os textos e chegava à escola e lia os textos e depois a professora perguntava-me as palavras salteadas ou as letras, eu não sabia dizer e ela batia-me.

E: (Risos) Ainda lhe batia.

P: Ainda me batia, não foi fácil, acabei por me adaptar... porque o ser humano tem... graças a deus tem essa capacidade, acabei por me adaptar, mas... não foi de todo fácil.

E: Então sendo assim qual é que as características deste modelo então?

P: Eu peço desculpa e eu... acho o eu queria por em prática era uma... uma filosofia que permitisse às crianças serem mais... mais livres, mais responsáveis pelas aprendizagens delas e que eu não fosse um veículo de transmissão de conhecimentos, que elas se autoinstruíssem.

E: Ok, fazer a autoaprendizagem...

P: A autoaprendizagem... e por isso me enquadro neste...neste movimento e... partido sempre daquilo que as crianças sabem, não... na altura que eu ingressei na...na escolaridade obrigatória, nós eramos de águas rasas, não sabíamos nada e o professor é que sabia tudo e eu penso que isto é o mais errado possível, portanto nós partimos das experiencias deles, das vivencias deles, é uma coisa que lhes dá... lhes faz muito mais sentido e como tal eles também correspondem de outra forma.

E: Então, sendo assim está a falar tipo num trabalho cooperativo, não?

P: Exatamente.

E: Há ok, eles partilham os seus saberes com... com as...

P: É assim...

E: Com as...as... os outros alunos ou as outras crianças.

P: É assim... só assim é que faz sentido, porque eu posso ter por exemplo uma criança que tem muitas dificuldades... numa determinada área da matemática, um exemplo mas é muito bom por exemplo numa área do português e tenho o outro que por exemplo tem muitas dificuldades no português mas que é excelente na matemática ou numa área específica da matemática ou seja quando eu estimulo a autonomia deles e o trabalho deles, trabalho cooperativo, esses alunos como tem uma linguagem muito mais próxima do que... do que o adulto tem com eles, eles conseguem às vezes colmatar, o défice de um na matemática com a ajuda do outro que é bom na matemática e o outro consegue colmatar as dificuldades dele ao português com o outro. Portanto esta troca de saberes e de experiências eu acho que é essencial.

E: Olhe realmente a... sua forma de...de...de pensar, eu nunca tinha pensado desta maneira, realmente os miúdos tem uma linguagem que...que realmente eles são capazes de perceber de facto melhor uns com os outros, não é...

P: Às vezes...eu peço desculpa de interromper, é assim às vezes, cientificamente até nem é o mais correto, mas eu penso que o mais importante é eles perceberem.

E: Exato.

P: Perceberem, o saberem fazer, o compreender o porque das coisas e... se utilizar o termo certo. Eu não me preocupo muito com isso, preocupo-me que eles saibam, que saibam fazer, que compreendam o que estão a fazer, que não estejam a trabalhar no abstrato porque nestas idades eles não têm capacidade de abstração suficiente para estarem a trabalhar no abstrato.

E: Ok... sendo assim quando então, já há muito anos que teve conhecimento do movimento da escola moderna, não? Já.

P: Pois (risos)... sim nem sempre consegui, mas por exemplo antes...antes de ingressar na instituição... eu trabalhava muito com os meus alunos sobre as luzes do movimento utilizava, a única coisa que acontecia é que utilizava o método de aprendizagem da leitura e da escrita diferente. Utilizava o método das 28 palavras, se bem que eu fiz ali uma

mescla, porque eu nunca trabalhava somente a palavra, pronto, aproveitava sempre para com a palavra havia um conto, havia um jogo ou havia uma dança em que aparecesse a palavra e depois eu aproveitava essas palavras com os nomes das crianças porque eles fazem logo desde o início o registo das presenças são eles que fazem, portanto eles...

E: Há sim, sim os mapas.

P: Os mapas, os mapas de assiduidade, os mapas de comportamentos, pronto, portanto eles consultavam logo e reconheciam os nomes deles, depois começam a reconhecer o nome de outro colega qualquer porque se dão bem com ele ou porque foi na mesma altura fazer o registo, pronto, e então aproveito sempre para integrar os nomes deles também nesse trabalho, portanto era assim, não era um método puro, não era o método das 28 palavras puro, pronto, felizmente agora tenho autonomia para outras coisas. E em relação há minha sala de aula... nós temos o diário de turma, já teve vários nomes já foi o jornal de turma já foi... é o que for, o que interessa é que faça sentido para eles e aí são registrados... situações que aconteceram que eles gostaram, situações que aconteceram que não gostaram e as sugestões e nas sugestões é sempre muito importante... para mim quando eles fazem sugestões de trabalho dar resposta há essas sugestões e este...e este diário de turma é discutido uma vez por semana é lido e são registradas as decisões. No início com turmas de primeiro ano... normalmente sou eu que faço o registo, eles vão me dizendo, há um... há um presidente da assembleia pronto podemos lhe chamar assim e um...

E: Está se a referir às datas as...atas, não?

P: Sim.

E: Às atas.

P: Sim, e o secretário.

E: Há ok.

P: Pronto, eles ditam, eles decidem, eles discutem e depois o secretário é que me diz o que é que eu tenho para escrever, conforme vão avançado nas escolaridade depois é feito

por eles e eu não interfiro nisso, isso depois é tudo arquivado... ou exposto na parede, conforme vamos tendo espaço ou não e eles sempre que precisam podem consultar.

E: Ok, muito bem, bem estamos aqui a falar do...do movimento da escola moderna, mas realmente o meu tema é sobre o TEA, o tempo de estudo autónomo, já agora na sua perspectiva o que é que é TEA?

P: A TEA para mim é essencialmente uma partilha de saberes, uma partilha de saberes, uma consciencialização de...das...das minhas próprias fragilidades, quais são as áreas que eu necessito de trabalhar, e como é posso fazer isso, sozinho ou com a ajuda de um colega ou de vários colegas...

E: Está a referir-se, desculpa interromper, está a referir-se a autonomia de cada, cada criança para fazer aquilo que achar...

P: Exatamente, para decidirem aquilo que... a área ou as... as atividades que irão desenvolver, isso é registrado e...

E: É registrado a onde?

P: No PIT, no plano individual de trabalho de cada aluno, pronto eles têm que...que registrar e depois têm eles têm que... não podem trabalhar sempre na mesma coisa, eles não podem ir sempre fazer recorte, não podem ir sempre fazer colagem... os espaços estão divididos são espaços temáticos... temos espaço de leitura, temos espaço de passatempos normalmente são passatempos que estão relacionados com as aprendizagens, que eles acham que estão no início acham que estão a brincar..

E: Está se a referir, peço desculpa interromper, está se a referir aos jogos que eles têm no computador, jogos da leitura, da matemática...

P: Sim e às vezes até em papel, por exemplo um desenho, um desenho que eles têm que pintar consoante um código.

E: Ok.

P: E eles só conseguem descobrir o código, se resolverem por exemplo as operações que aparecem, pronto, portanto eles têm que resolver a operação para saberem qual é o resultado para saberem que cor pintam aquele espaço, depois... há sítios onde eles podem trabalhar o português...

E: No quadro de pregas.

P: Pode ser no quadro de pregas, pode ser no computador também, portanto todas estas áreas podem ser trabalhadas no computador ou com outros materiais que têm no estudo do meio por exemplo têm uma zona que é “o vamos experimentar” e o vamos experimentar eles podem precisar de material para tentar alguma coisa que eles pensaram, portanto eles têm que registrar o que eles vão fazer, o que eles acham que vai acontecer e depois no fim o que é o que aconteceu, se precisarem de material que não haja, é lhes disponibilizado e há também sugestões de...de experiências que podem fazer ou de investigações que possam fazer sobre um animal que lhe desperte interesse sobre qualquer coisa, e na matemática há muitas matérias para trabalharem, têm os ábacos para trabalharem, Têm o quiz para trabalharem, têm os tangrans, têm o...

E: GEO plano.

P: O GEO plano, agora estava me a faltar a palavra, faço o desenho com dedo , como se na entrevista aparecesse o desenho com o dedo.

E: Era por isso que eu estava a ver o que era, e pronto, e então depois lembrei-me que realmente que estava a dizer, que estava a referir-se ao GEO plano...

P: Depois no meio disto tudo, e que eu acho que é muito importante também é a autoavaliação a autoavaliação que serve para eles perceberem em que ponto... da situação o que é que necessitam de trabalhar mais ou o que é que necessitam de aprofundar, pronto.

E: Ok... então e sendo assim, que vantagens é que pode me dizer que vê na realização de TEA...de TEA no conjunto...peço desculpa vou repetir outra vez porque já estou a ficar um bocadinho baralhada. Que vantagens é que vê no TEA no contexto de primeiro ciclo.

P: Eu...eu penso que o TEA é importante, não só no primeiro ciclo , em todos os ciclos , mas no primeiro ciclo eu penso... pra mim umas das principais vantagens é trabalhar a autonomia promover a autonomia, portanto porque eles é que têm que gerir o que é que precisam de trabalhar o que é que não precisam de trabalhar, se já conseguiram passar aquela dificuldade se não conseguiram , autonomia logo, depois a responsabilidade, porque eles são responsáveis, primeiro por deixar os espaços onde estiveram como os encontraram, porque , têm colegas a trabalhar e as coisas têm que estar organizadas, depois a responsabilidade pelas suas aprendizagens.

E: Isso é uma grande responsabilidade.

P: Pois.

E: Uma grande responsabilidade...

P: Mas é de pequenino que se torce o pepino, portanto quanto mais cedo eles aprenderem que eles são responsáveis pelas aprendizagens deles melhor, porque não é a mãe, não é o pai, não é o professor, eles são responsáveis também, somos todos responsáveis mas os principais responsáveis são eles

E: E... isto agora, não tenho aqui na minha entrevista, mas baseado na aquilo que estamos a falar, fiquei curiosa só para saber uma coisa. Acha que isto então... vai...vai influenciar a vida deles além da escola?

P: Claro, claro que sim, porque... isto incute valores como a solidariedade e a interajuda o saber estar no lugar do outro, porque o outro tem dificuldades nesta área mas eu tenho noutras também, portanto, eu sei como aquele colega se sente e como sei como aquele colega se sente há partida não vou usar isso para fragilizar o outro, pelo contrário vou ajuda-lo depois e ele ajuda-me a mim, os dois juntos podemos ajudar outros dois, e se esses 4 se cada um ajudar outro já são 8 que tão ajudados.

E: Há ok, quer dizer isto realmente...

P: Acaba por ser uma bola de neve a rolar montanha abaixo...

E: Ok, concordo muito com isso, realmente eu também... eu também me revejo muito nisso, muito neste método e realmente é daí que estou a fazer a entrevista porque quero também aprofundar um bocadinho os meus conhecimentos. No início da nossa entrevista e sobre o tema e os objetivos o trabalho da investigação, sendo assim o que que e para si os valores éticos sociais e morais, porque é no fundo aquilo que eles estão a trabalhar aquilo que e trabalhado também em TEA.

P: Sim, portanto essencialmente a empatia pelo outro a solidariedade e tudo aquilo que acabei por dizer, a responsabilidade porque uma pessoa que e responsável por si própria acaba por ser responsável pelos outros também e pelas suas atitudes na sociedade também e a interajuda depois extravasa para fora da sala de aulas porque nos estamos habituados a ajudar alguém se virmos alguém em dificuldade nos vamos ajudar também, porque já e...já é uma aptidão que fica...que fica gravada como tudo da nossa vida não é, e eu penso que são os principais valores a interajuda a solidariedade a empatia.

E: Ok, então sendo assim, a pergunta que eu tenho aqui praticamente já esta, já está... praticamente já respondeu que e de que forma a TEA pode contribuir para promover os mesmos valores, parece me que esta quase...

P: Que está respondido...

E: Ok, então ainda nesta prospetiva dos valores por exemplo, nota alguma diferença do comportamento dos alunos desde o início do ano letivo ate por exemplo ate este momento?

P: Isso nota-se sempre uma grande diferença porque no início é... no início há sempre muita confusão, muita confusão e se nos analisarmos depois esfriamento as coisas achamos que o que eles tiveram a fazer não.

Foi proveitoso que estivemos a perder tempo, porque eles andavam a brincar e a conversar uns com os outros, e não ligavam, pronto, e conforme o tempo vai passando vai-se notando as diferenças e isso nota-se na confusão da sala de aulas, nota-se na organização deles nos trabalhos, nota-se na forma como trabalham em pares ou em grupo... sem gritaria e respeitando a vez de cada um e portanto... Ao longo do ano depois nota-se uma diferença muito grande.

E: Acha que eles, ao longo do ano então, eles vão de certa forma, vão se apropriando o conceito que já tem é isso?

P: Exatamente.

E: Ok, faz sentido, agora sabemos que o modelo, do movimento da escola moderna, a relação entre os alunos e como professor assenta num contracto democrático de convívio e de trabalho construído através da organização plenamente e avaliação cooperadas da aprendizagem. Na sua opinião contribuí para a fortificação dessas relações entre os alunos e também com o professor, acha que isso...acha que o facto deles estarem em TEA, o estarem em trabalhar em grupo, o de a...as parcerias, mesmo até a parte individual em que eles até, pronto têm às vezes já até ter acabado os trabalhos e vão ajudar os outros, acha que isso, fortifica as relações entre eles, e mesmo com a própria professora?

P: Eu penso que sim, porque eles não veem o professor como nós víamos, que era o detentor da verdade e... pronto o que ele dizia era sagrado, eu penso que neste tipo de trabalho, nós somos mais um recurso que ele tem e se conseguirmos.... Conseguirmos ter com eles uma relação emocional forte então as coisas ainda funcionam muito melhor.

E: Há ok, então quer dizer que realmente confirma que fortifica, as relações tornam-se mais coesas entre eles e o professor...

P: Sim, sim porque eles nunca estão, nunca estão... tanto na defesa em relação ao adulto, o adulto está ali pra ajudar também.

E: E mesmo em relação também aos próprios alunos, aos outros também.

P: Sim também, todos nós somos recursos para todos nós.

E: ...Ok, por acaso há coisas que eu ainda não tinha pensado, estou a ver que ainda tenho que aprender... antes de terminar a entrevista, gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre TEA e os valores que ainda eu não tenha perguntado ou que seja que acha que realmente é muito importante...

P: É assim a TEA, também permite ao professor... mais disponibilidade para trabalhar com algum aluno ou um algum grupo de alunos que tenha mais...

E: Dificuldades...

P: Dificuldades, carências em determinada área, porque como os outros estão a trabalhar autonomamente também libertam mais o professor para poder uns por exemplo trabalhar com aquele grupo de alunos e no outro dia trabalhar com outro grupo de alunos, que até podem não ter dificuldades nenhuma mas precisam, por exemplo de... de ir mais além em qualquer... em qualquer temática e na semana a seguir com outro grupo de alunos, porque os outros estão a trabalhar autonomamente, portanto isso acaba por nos libertar mais.

E: Ok... pronto, eu acho que me esqueci de início de fazer lhe uma pergunta que era que sendo coordenadora pedagógica do primeiro ciclo, há quantos é que você está neste cargo?

P: Há 2...

E: Há 2 anos...

P: Há 2 anos.

E: Ok, e gosta? É muita responsabilidade.

P: É muito cansativo...

E: É muito cansativo...

P: Mas é... gratificante.

E: OK, e também sei que têm dado apoio há turma do primeiro ano, daí eu estar-lhe a fazer a entrevista...

P: Sim, sim, sim...

E: Porque, assim também acompanhou, acompanha a turma ao longo do ano.

P: Faço coadjuvação com a professora do primeiro ano.

E: Há ok, muita obrigada, pronto desta forma quero lhe agradecer a sua disponibilidade...

P: Não tem nada que agradecer, sempre há disposição.

E: Acho que vou ter que... muito que aprender consigo, pode ser que...

P: Quando quiser.

E: Pode ser que algum dia, possamos trabalhar as duas nunca se sabe não é...

P: Quando quiser a minha porta está sempre aberta.

E: Muita obrigada, realmente agradeço do fundo do coração a sério... porque isto pra mim é mesmo muito importante, porque é para terminar realmente uma... uma investigação que já ando há tanto tempo para terminar e que não tenho conseguido e então realmente isto... pra mim se quer que lhe diga até me deixa emocionada, por isso agradeço lhe mesmo a sua disponibilidade..

P: Sempre...

E: Obrigada...

P: Sempre há disposição.

## **Entrevista aos alunos**

### **Primeiro aluno**

Data: 19-05-2023

Hora: 15h

Duração aproximada: 10 m

Local: Instituição

Dados do Entrevistado:

Nome: D

E: Já está...olha que idade é que tens?

D: A... 7 anos

E: 7 anos, e estás em que ano?

D: Primeiro ano

E: No primeiro ano, muito bem, olha... sabes eu estou aqui para te fazer uma entrevista, por acaso tu sabes o que é uma entrevista?

D: Já vi elas na televisão, mas nunca vi nos telefones.

E: Muito bem, então quer dizer que nunca te fizeram uma entrevista?

D: Não.

E: Há ok, ok, mas sabes o que é uma entrevista? é quando eu por: exemplo eu estou, vou-te fazer umas perguntas e tu vais responder, pode ser?

D: Sim.

E: E olha, e sabes as perguntas que eu te vou fazer é sobre o tempo de estudo autónomo, também. O que é, que é para ti o tempo de estudo autónomo?

D: E... eu não sei lá muito.

E: Então, mas dizes o que é ou que é que tu achas que é...

D: É... é... é uma atividade que nós chamamos TEA e que é para nós fazermos trabalhos, tipo recortes e colagens outros trabalhos, parcerias, jogos de matemática, jogos de palavras a... e... fazer escrita.

E: Olha, e então tu achas que estás a estudar ou achas que estás a brincar?

D: A estudar.

E: Estás a estudar, muito bem, mas quando iniciaste a escola o que é que tu pensavas? Que a TEA era quê, era para estudar ou era para brincar? Quando logo no início, quando a Maria veio.

D: Eu acho que era mais uma teia de aranha.

E: Era uma teia de aranha... (risos) Por causa do TEA, mas olha eu acho que eu ouvi, que vocês dizem que era mais para que...para?

D: Brincar.

E: Para brincar, era? Era o que vocês diziam isso...

D: Sim, no início.

E: Do início, pois é, olha gostas mais...diz...desculpa.

D: Na primeira vez que fizemos TEA.

E: Há ok. Gostas mais de trabalhar sozinho em pares ou em grupo?

D: Em grupo.

E: Porquê?

D: Porque, tem companhia há volta.

E: Tens tu companhia há volta, sim, e que mais, além de teres companhia.

D: A... não me sinto sozinho a fazer o trabalho.

E: Boa, então quer dizer que os outros meninos ajudam naquilo que tu fazes.

D: Yep.

E: É, e o que é que tu fazes? Dás opiniões, o que é que tu fazes, partilhas o trabalho?

D: Eu às vezes ajudo os meninos e os meninos ajudam-me.

E: Há boa, muito bem, olha e não costumam... costumam sempre dar-se bem ou não?

D: A...a.... às vezes nós discutimos, mas resolvemos depois.

E: Boa, muito bem. Se tiveres alguma dificuldade o que é que tu fazes? Resolvem sozinhos, tentam pedir ajuda, o que é que fazes?

D: Às vezes, escrevemos o que não gostei e depois nós partilhamos com a turma e depois... e depois fica resolviido... se o outro... se o outro... se o outro... também está resolvido, nós pomos ali um R de resolvido ou nós podemos resolver sem por lá.

E: Então escuta a onde é pões essa parte do não gostei, onde é que tu vais escrever isso?

D: É num quadro, é numa folha de papel que nós temos ali na nossa sala.

E: Há boa, tem algum nome essa folha de papel?

D: Gostei, não gostei e sugestões e parabéns...

E: Parece-me o diário de turma, não?

D: Sim.

E: Então é aí que vão escrever, ok, então quer dizer não pedes ajudas.

D: Hmm não, eu lá só escrevi no diário de turma 2 vezes...

E: Boa...boa, então pronto... vou te perguntar uma coisa hipoteticamente, se por acaso queres trabalhar, há muitos materiais na sala, não é? Como o Geoplano, como as barrinhas de *cuisenaire*, como essas coisas todas.

Imagina que tu queres ir trabalhar com um desses matérias, mas está lá algum menino, o que é tu fazes?

D: Eu digo que posso jogar, se o menino dizer que não eu vou fazer outra coisa, mas que ele dizer que sim, eu vou jogar, mas se tiver vazio e não tiver nenhum menino eu entro.

E: Então esperas pela tua vez, é?

D: Sim.

E: Boa...olha será que a TEA contribuiu de alguma forma para tu estares... gostares de te relacionares com os teus colegas, de te dares melhor com os teus colegas, de colaborarem todos uns com os outros, achas que o método da TEA contribuiu para isso?

D: Sim.

E: Sim, e de que maneira?

D: Sei lá.

E: Então, ele há bocado estavas a dizer-me que vocês não brigavam nem isso, achas que isso contribuiu para vocês estarem mais há vontade uns com os outros, para vocês partilharem as vossas opiniões, achas que... sim ou não?

D: Sim.

E: Sim?

E: Ok, agora há mais alguma coisa de TEA que tu me queiras dizer? Se há assim alguma coisa importante, muito importante.

D: A... Nós...nós... nós decidimos quantos meninos é que podem ficar na área, tipo... tipo na biblioteca só podem ficar 4, nos jogos também 4, e já não me lembro dos outros, mas eu acho... eu acho que no computador...quê?...

E: No computador o quê 3?

D: No computador 2, e ela vai arranjar... a Isa ia arranjar 2 computadores para nós, na máquina de escrever ainda está só uma máquina de escrever ali.

E: Pronto, então quer dizer que vocês estabeleceram regras acerca de quantos meninos devem estar dentro das áreas é isso, ok. Boa, olha então é assim vamos terminar a entrevista eu vou-te... vou-te agradecer por teres respondido aqui às perguntas e... e pronto, olha muito obrigada, que tenhas agora o resto de um bom ano, daqui a pouco tempo está aí as férias e pronto agora...

D: Eu vou aos açores.

E: Há boa, então agora podes ir para sala, também.

D: Não, fico aqui há espera.

E: Não, não vais para... olha tens que ir para a sala porque a Isa está lá há tua espera, também vá, pronto.

## Segundo aluno

Data: 19-05-2023

Hora: 15h.15m

Duração aproximada: 10 minutos

Local: Instituição

Nome: A

E: Olá, estas bom?

A: Sim.

E: Olha tu sabes que eu vou te fazer uma... espera antes disso, estava-me a esquecer de que ano é que tu estás?

A: Primeiro ano e tenho seis e meio anos...

E: E tens quê?

A: Tenho 6...

E: 6 anos, há desculpa, não estava a perceber...

A: Tenho 6 e meio.

E: Tens 6 e meio anos, boa. Então só falta outro meio para teres 7 anos, está quase, muito bem, olha tu sabes que estou aqui, gostava de fazer uma entrevista...

A: Sim...,

E: E sabes o que é uma entrevista?

A: Sim.

E: É então podes me dizer o que é?

A: Uma entrevista... só sei que já vi na televisão, só dizia o que era uma entrevista, mas não dizia como é que se faz.

E: Então como se faz é...é olha é uma pessoa pergunta, como eu, eu estou, vou te fazendo umas perguntas e tu respondes a essas perguntas e eu estou a gravar a entrevista.

A: Ok.

E: Pode ser?

A: Ok.

E: Estás de acordo? pronto, então olha, então sabes que vou-te perguntar uma coisa que é : eu acho que tu sabes muito bem que é, o que é para ti o tempo de estudo autónomo?

A: Nós fazemos alguns trabalhos que também, trabalhos e estudos...

E: Estudam, também não é...ok... e mais, acabam trabalhos ou nem por isso, vão ter com a professora o que é que vocês fazem?

A: Olha, antigamente eu achava que o tempo de estudo autónomo era uma teia... era uma teia do homem de aranha...

E: Era uma teia do homem de aranha porque...(risos) por causa de TEA do nome teia, ok, já estou a ver, mas depois... quer dizer tu achavas que isso era para brincar se calhar não?

A: Sim, antigamente eu achava que era a brincar, mas depois que eu descobri que é para estudar.

E: Olha e só aqui um há parte e os teus pais também achavam de início que o tempo de estudo autónomo que era para brincar ou que era para estudar.

A: Que?

E: Os teus pais antigamente ou logo no início do ano, eles sabiam o que é que era TEA ou também pensavam que TEA era para brincar?

A: Antigamente, não dizia aos pais, não dizia porque eles não perguntavam.

E: Ah, não te perguntavam, e quando te perguntaram tu...

A: Foi no dia... dia 10 setembro... dia 9

E: Há muito bem, então, mas não respondeste à minha pergunta. Quando eles souberam que existia a TEA, diziam alguma coisa sobre TEA, achavam que aquilo era para brincar ou já sabiam que aquilo era para estudar?

A: Estudar... brincar, brincar quer dizer era para brincar.

E: Então depois é que começaram a perceber que era...

A: Sim, que era para estudar.

E: Há ok, estava já a ver que estavas um bocado atrapalhado e já um bocado confuso e eu também já estava a ficar um bocado confusa.

A: Às vezes eu também fico confuso.

E: Pronto é verdade, ficamos os 2, pronto! Então na tua opinião gostas mais de trabalhar sozinhos em pares ou em grupo e porquê?

A: Grupo.

E: Em grupo. E em pares não? algumas parcerias, vocês fizeram...

A: Nas parcerias eu gosto de trabalhar em grupos ou pares, às vezes eu faço parcerias com 4 e outras com...

E: Então tu estás me a dizer espera aí, o grupo... eu estava dizer parcerias que seria, de facto tens razão que seriam 2 meninos e em grupo seria mais que um menino, se calhar não me expliquei bem, então tu no fundo estás por tudo, portanto as parcerias não é, verdade não deixa de ser uma parceria e o trabalho em grupo é isso não é, é?

( O aluno acena com a cabeça para dizer que sim)

E: Tens de dizer ou sim ou não?

A: Sim.

E: Há ok, o que é tu gostas mais de trabalhar?

A: Eu gosto mais de trabalhar nos tempos de estudo autónomo?

E: Sim. Em que em grupo, individual ou sozinho?

A: Em grupo.

E: E porquê?

A: Porque tem muitas pessoas e podem me ajudar e às vezes eu ajudo elas e outras vezes elas ajudam e dão obrigada nas que eu ajudei.

E: Boa, que bom, então é assim vocês ajudam -se uns aos outros, e partilham o que é também partilha os vossos trabalhos ou não?

A: Sim.

E: Pronto, ok, olha e se tiveres alguma dificuldade quando estão a trabalhar em grupo tu pedes ajuda aos teus amigos, vais pedir à professora, resolves sozinho, o que é que acontece?

A: Eu não percebi tão bem.

E: Quando tiveres, estiveres por exemplo a trabalhar em grupo e tiverem alguma dificuldade, tiverem algum problema, como é que vocês fazem para o resolver? Resolvem-nos sozinhos, entre vocês resolvem... vão pedir...

A: Já entendi, já entendi, olha se não dá para resolver, nós pedimos à professora, mas quando não dá para resolver com a professora, nós escrevemos no diário de turma, o que não gostei.

E: Mas nunca conseguiram resolver nada sozinhos? É assim tão problemático?

A: Às vezes não conseguimos.

E: Às vezes não conseguem, e outras vezes?

A: Conseguimos.

E: É? Boa

A: Conseguimos e não conseguimos.

E: É conseguimos e não conseguimos, há bocado disseste que pedes ajuda à professora ou então vocês também, olha costumam partilhar as tuas coisas com os teus amigos.

A: Sim,

E: É? Que coisas é que tu partilhas por exemplo?

A: Coisas que eu partilho?

E: Sim, por exemplo, trabalhos...

A: Trabalhos eu sempre apresento as minhas... algumas coisas no contar e mostrar.

E: Muito bem, então vamos fazer de conta que tu queres trabalhar com o material e que esse material está um menino a trabalhar com ele, o que é que tu fazes?

A: Eu pergunto que eu posso e se ele dizer não, eu faço um material que está disponível.

E: Ah, boa! então respeitas o menino, então tu vais quando o menino sair tu vais brincar então com isso que queres...

A: Sim. Sabes como eu sei? Porque sempre que eu estou a brincar, quando passa um minuto eu olho.

E: Olha, diz-me se TEA contribuiu para te relacionares melhor com os teus amigos, dá-te melhor com eles, falarem melhor, formarem assim ou terem uma grande amizade.

A: Eu gosto muito de estar com os meus amigos para fazer amizades...

E: Mas achas que a TEA contribuiu para isso?

A: Sim

E: Sim? De certeza?

A: Sim, de certeza, de certeza absoluta.

E: Boa, e então á mais alguma coisa que queiras contar de TEA, já falaste tudo ou queres acrescentar mais alguma coisa.

A: Quero dizer mais uma coisa, sempre em TEA arrumamos tudo direitinho.

E: Boa, então quer dizer organizas, organizam tudo os materiais e tudo, é isso?

A: E já não quero mais falar...

E: Pronto, ok.

A: Já terminou?

E: Já, já...

A: Ponto final.

E: Então vá, olha, vais para a sala e obrigada, também.

**Guião de entrevista semiestruturada aos alunos do 1º ano do 1º ciclo do Ensino Básico.**

**Tema:** O estudo autónomo pode contribuir para o desenvolvimento dos valores em crianças do 1º ciclo do ensino básico

**Objetivo geral:** Perceber a opinião dos alunos sobre TEA e se esta promove os valores éticos, morais e sociais.

<b>Blocos Temáticos</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Formulário de Questões</b>
Bloco A - Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Garantir a confidencialidade e anonimato.	A1: Informar o entrevistado sobre o tema. A2: Solicitar a colaboração do entrevistado, destacando a importância da sua colaboração na realização do estudo A3: Assegurar o carácter confidencial e anónimo das informações.
Bloco B - Conceito de TEA	Proporcionar aos alunos a possibilidade de tomar a palavra e ganhar confiança; Perceber se o aluno sabe o que é o Tempo de Estudo Autónomo.	B1: Olá, Estás em que Ano? B2: Gostava de te fazer uma entrevista sobre o TEA. Sabes o que é uma entrevista? Pode ser? B3: O que é para ti o Tempo de estudo autónomo (TEA)?
Bloco C - Trabalho Cooperativo e resolução de conflitos	Perceber a opinião do aluno em relação ao trabalho cooperativo; Compreender como é que os alunos fazem para resolver os conflitos	C1: Em TEA, gostas mais de trabalhar sozinho/o, em pares ou em grupo e porquê? E os teus colegas, qual a tua opinião? C2: Ao trabalhares em grupo ou nas parcerias, costumam estar sempre de acordo uns

		com os outros ou há desentendimentos? Se sim, costumam fazer o quê?
Bloco D - O Trabalho de Estudo Autónomo e a importância da promoção dos valores	Compreender se o TEA é importante na promoção dos valores	D1: Se tiveres ou tiverem alguma dificuldade, o que fazem? Pedem ajuda? Ou tentam resolver sozinhos? D2: E: Se sim, a quem é que pedes ajuda? D3: E: Se te pedirem ajuda, ajudas? costumas partilhar as tuas coisas? Dá-me um exemplo, por favor
Bloco E - A importância das relações Criança-Criança e adulto - Criança	Perceber a opinião do aluno se o TEA contribui para fortalecer a relação entre os pares e a relação com o professor	E1: Vamos fazer de conta que tu queres trabalhar com um algum material que está na sala, mas esse material não está disponível porque está outro menino a trabalhar com ele? O que fazes? E2: Será que consegues dizer-me se o TEA contribuiu de alguma forma para melhorar a relação que tens com os teus colegas e professora?
Bloco F - Validação da Entrevista	Recolher elementos sobre informações pertinentes que não tenham sido referidas anteriormente.	F1: Há mais alguma coisa sobre o Tempo de Estudo Autónomo que tu me queiras dizer e que seja importante?

Bloco G - Agradecimento	Agradecer a colaboração	G1: Desta forma, termino a entrevista e agradeço-lhe pela sua disponibilidade e atenção
----------------------------	-------------------------	---

**Dados da Entrevista:**

Data:

Hora:

Duração aproximada:

Local:

**Dados do/a entrevistado/a:**

Nome:

Idade:

Ano:

**Legenda:**

E - Estagiária

A - Aluno

**Entrevista aos alunos:**

1 - E: Olá, Estás em que Ano?

2 - Gostava de te fazer uma entrevista sobre o TEA. Sabes o que é uma entrevista?

Pode ser?

3 - E: O que é para ti o Tempo de estudo autónomo (TEA)?

4 - E: Gostas mais de trabalhar sozinha/o, em pares ou em grupo e porquê? E os teus colegas, qual a tua opinião?

5 - Ao trabalhares em grupo ou nas parcerias, costumam estar sempre de acordo uns com os outros ou há desentendimentos? Se sim, costumam fazer o quê? Brigam? pedem desculpa?

6 - E: Se tiveres ou tiverem alguma dificuldade, o que fazem? Pedem ajuda? Ou tentam resolver sozinhos?

7 - E: Se sim, a quem é que pedes ajuda?

8 - E: Se te pedirem ajuda, ajudas? costumas partilhar as tuas coisas? Dá-me um exemplo, por favor?

9 - E: Vamos fazer de conta que, tu queres trabalhar com um algum material que está na sala, mas esse material não está disponível porque está outro menino a trabalhar com ele? O que fazes?

10 - E: Será que consegues dizer-me se o TEA contribuiu de alguma forma para melhorar a relação que tens com os teus colegas e professora?

11 - E: Há mais alguma coisa sobre o Tempo de Estudo Autónomo que tu me queiras dizer e que seja importante?

12 - Então vamos terminar a entrevista. E quero agradecer-te por responder às perguntas.

**Guião de entrevista semiestruturada à coordenadora pedagógica do 1º ciclo do Ensino Básico.**

**Tema:** De que modo o tempo de estudo autónomo (metodologia MEM) pode contribuir para o desenvolvimento dos valores em crianças do 1º ciclo do ensino básico

**Objetivo geral:** Perceber se o TEA contribui para o desenvolvimento dos valores em crianças do 1º ciclo.

<b>Blocos Temáticos</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Formulário de Questões</b>
Bloco A - Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Garantir a confidencialidade e anonimato.	A1: Informar o entrevistado sobre o tema e os objetivos do trabalho de investigação sobre “De que modo o tempo de estudo autónomo (metodologia MEM) pode contribuir para o desenvolvimento dos valores em crianças do 1º ciclo do ensino básico” A2: Solicitar a colaboração do entrevistado, destacando a importância da sua colaboração na realização do estudo A3: Assegurar o carácter confidencial e anónimo das informações.
Bloco B - Percurso académico e profissional	Caraterizar o percurso académico e profissional do entrevistado;	B1: Fale-me um pouco do seu percurso, académico e profissional. B2: Há quantos anos é professora/o? B3: Há quanto tempo trabalha nesta instituição?

<p>Bloco C - Modelo Pedagógico-Movimento da escola Moderna</p>	<p>Perceber qual é o Modelo Pedagógico que se rege e compreender o porquê;</p> <p>Perceber quais foram os motivos que levaram o docente a escolher esse modelo?</p> <p>Identificar as características do modelo</p>	<p>C1: Qual é o modelo pedagógico que segue? E porquê?</p> <p>C2: Como é que percebeu que esse seria o modelo ideal para trabalhar na sua prática pedagógica?</p> <p>C3: Quais são as características principais do modelo?</p>
<p>Bloco D - O Trabalho de Estudo Autónomo e a importância da promoção dos valores</p>	<p>Compreender o que é o TEA;</p> <p>Compreender as vantagens do TEA no 1º Ciclo do Ensino Básico;</p> <p>Compreender a perspectiva do docente quanto ao conceito dos valores;</p> <p>Compreender se o TEA é importante na promoção dos valores;</p> <p>Perceber a importância do TEA no comportamento das crianças;</p>	<p>D1: No movimento da escola Moderna, diariamente os alunos têm uma hora de Tempo de estudo autónomo (TEA). Na sua perspectiva, o que é o TEA?</p> <p>D2: Que vantagens vê na realização do TEA no contexto do 1º CEB?</p> <p>D3: No início da nossa entrevista informei-a sobre o tema e o objetivo do trabalho de investigação. Sendo assim, o que para si são os valores éticos, sociais e morais?</p> <p>D4- E: De que forma TEA pode contribuir para promover esses mesmos valores?</p> <p>D5: Ainda nesta perspectiva dos valores, nota alguma diferença de</p>

		comportamentos nos alunos ao longo do ano letivo? por exemplo, nas parcerias, nos trabalhos em grupo e individual.
Bloco E - A importância das relações Criança-Criança e adulto - Criança	Perceber a opinião da docente se o TEA contribui para fortalecer a relação entre os pares e a relação com o professor	E1: E: Sabemos que no Modelo do MEM a relação dos alunos entre si e com o professor assenta num contrato democrático de convívio e trabalho, construído através da organização, planeamento e avaliação cooperadas da aprendizagem. Na sua opinião TEA contribui para a fortificação dessas relações entre os alunos e também com o professor?
Bloco F - Validação da Entrevista	Recolher elementos sobre informações pertinentes que não tenham sido referidas anteriormente.	F1: Antes de terminar a entrevista, gostaria de acrescentar ou esclarecer mais alguma coisa relacionado com o TEA e os valores?

<p>Bloco G - Agradecimento</p>	<p>Agradecer a colaboração e solicitação de eventuais colaborações no futuro.</p>	<p>G1: Percebo que ainda tenho muito que aprender sobre o movimento da Escola Moderna, posso contar consigo para me ajudar nesse sentido?</p> <p>G2: Desta forma, termino a entrevista e agradeço-lhe pela sua disponibilidade e atenção</p>
------------------------------------	---	--

**Dados da Entrevista:**

Data:

Hora:

Duração aproximada:

**Dados da/o entrevistada/o:**

Nome:

Idade:

Anos de experiência profissional:

Percurso académico:

**Legenda:**

E - Estagiária;

P - Professora.

**Entrevista à Coordenadora Pedagógica:**

1 - E: Olá. Em primeiro lugar, quero-lhe agradecer a sua colaboração nesta entrevista, visto que esta será muito importante para o meu trabalho de investigação que fará parte do meu relatório final, no sentido de concluir o mestrado em Educação Pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico.

O tema é: De que modo o tempo de estudo autónomo (metodologia MEM) pode contribuir para o desenvolvimento dos valores em crianças do 1º ciclo do ensino básico.

Gostaria de a informar que todos os dados recolhidos são confidenciais.

2 - E: 1. Fale-me um pouco do seu percurso académico?

3 - E: Há quantos anos é professora/o?

4 - E: Há quanto tempo trabalha nesta instituição?

5-E: Qual é o modelo pedagógico que segue? E porquê?

6-E: Quais as características essenciais do modelo?

7-E: Quando e como teve conhecimento do Movimento da escola Moderna?

8-E: No movimento da escola Moderna, diariamente os alunos têm uma hora de Tempo de estudo autónomo (TEA). Na sua perspetiva, o que é o TEA?

9- E: Que vantagens vê na realização do TEA no contexto do 1º CEB?

10- E: No início da nossa entrevista informei-a sobre o tema e o objetivo do trabalho de investigação. Sendo assim, o que para si são os valores éticos, sociais e morais?

11- E: De que forma TEA pode contribuir para promover esses mesmos valores?

12-E: Ainda nesta perspetiva dos valores, nota alguma diferença de comportamentos nos alunos ao longo do ano letivo? por exemplo, nas parcerias, nos trabalhos em grupo e individual?

13-E: Na sua opinião o TEA contribui para a fortificação dessas relações entre os alunos e também com o professor?

14- E: Antes de terminar a entrevista, gostaria de acrescentar ou esclarecer mais alguma coisa relacionado com o TEA e os valores?

15- E: Percebo que ainda tenho muito que aprender sobre o movimento da Escola Moderna, posso contar consigo para me ajudar nesse sentido?

16- E: Desta forma, termino a entrevista e agradeço-lhe pela sua disponibilidade e atenção

